

A FORMA EM -RIA NA LÍNGUA CULTA FALADA NA CIDADE DE SÃO PAULO*

ALBA MARIA CAVALCANTE BEZERRA
(SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO
ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE)

0. INTRODUÇÃO**

* Este trabalho foi apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre, em 1980. O material que serviu de Corpus, pertence ao Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta - NURC. Como o objetivo desse Projeto é obter um estudo descritivo e sincrônico do português falado no Brasil - no nosso caso, de São Paulo, precisamos revisar o texto para adequá-lo aos referidos objetivos. Não houve mudança na organização dos capítulos que aqui permanecem, mas foi retirada a primeira parte onde havíamos feito um estudo diacrônico da forma em <-ria>, com a qual trabalhamos.

Sentimo-nos felizes se alguns dos nossos dados confirmam outros estudos feitos, pois como já disse Klum (1961:13):

"Le progrès ne consiste pas à nier ce qui précède mais à l'incorporer."

Porém, quando isso não acontecer, esperamos estar contribuindo para esse mesmo progresso, embora por caminhos diferentes.

Finalmente, o agradecimento àqueles que contribuíram para a realização deste trabalho: ao Professor Dr. Ataliba Teixeira de Castilho, pela orientação competente e paciente; à Secretaria de Estado da Educação e Cultura do Rio Grande do Norte e à Secretaria Municipal de Educação do Natal por terem permitido meu afastamento para concluir o trabalho. Enfim, a todos que, de uma forma ou de outra, foram um estímulo para que o mesmo se efetivasse.

** ABREVIATURAS E CITAÇÕES

Abreviaturas - Das abreviaturas usadas no nosso trabalho, algumas são nossas e outras pertencem ao autor citado. Estas últimas serão colocadas entre parênteses na relação seguinte

1. a. - alternância
2. ap. - aparente
3. oc. - ocorrência
4. co - co-ocorrência
5. conc. - concorrência
6. fig. - figura
7. FP - futuro do pretérito
8. Inf. - infinitivo
9. (TC) - tempo composto
10. (LV) - locução verbal
11. (CP) - conjugação perifrástica
12. O.I. - oração independente
13. O.S. - oração subordinada

Nos últimos anos, o tempo o modo e o aspecto verbal têm despertado o interesse dos estudiosos da língua, o que se pode comprovar através de inúmeros trabalhos publicados a respeito do assunto. A maioria desses trabalhos baseou-se na língua escrita. O estudo que realizamos utilizou a língua falada que por si só, constitui o objeto lingüístico.

Este estudo que tem como tema "o uso da forma verbal em <-ria> na língua culta falada na cidade de São Paulo", longe de esgotar o assunto é apenas uma parte de um projeto mais amplo - o Projeto NURC.

Em se tratando de objetivos, em termos gerais, pretendemos conhecer a língua culta falada na cidade de São Paulo, contribuindo com o esforço que ora se desenvolve de uma apreensão mais adequada da realidade lingüística brasileira. Em termos específicos, estudaremos o comportamento sintático - semântico da forma em <-ria>, através de uma descrição que compreenderá, principalmente: a verificação de seus valores, a comprovação (ou não) da vitalidade de seu uso, a ocorrência em tipo oracional e sua substituição pelo imperfeito.

O trabalho se compõe das seguintes partes: desta introdução; 1. Categorias verbais da forma em <-ria>: estado da questão; 2. Estudo da forma em <-ria> na língua falada: em 2.1. resenharemos um trabalho de língua espanhola e em 2.2. estudaremos a forma em <-ria> na língua portuguesa: no ítem 2.2.1., a forma em <-ria> simples; no ítem 2.2.2., a forma em <-ria> em grupo verbal; no ítem 2.2.3., alternantes, concorrentes e co-ocorrentes da forma em <-ria>; no ítem 2.2.4., fazemos "outras considerações"; e, finalmente, a conclusão.

Ordenamos os ítems 2.2.1. e 2.2.2. pela forma e o interior de cada um pelas categorias. O ítem 2.2.3. traz esta ordenação conjugada, para evitar o seu desdobramento, que no caso, seria desnecessário, dado o pequeno número de ocorrência. No ítem 2.2.4., onde fazemos "outras considerações", não nos foi possível manter a ordenação dos capítulos anteriores.

-
- 14. O.S/I. - oração subordinada e independente
 - 15. O.P. - oração principal
 - 16. p. - página
 - 17. Inq. - inquérito
 - 18. v. - ver

Citações - para as citações mais longas reservamos parágrafo próprio, e as mais breves foram transcritas no corpo do texto e colocadas entre aspas. As palavras omitidas nas citações dos autores e na fala dos informantes são substituídas por três pontos ente parênteses (...); os exemplos que constituem nosso Corpus, vêm citados entre aspas. A forma em <-ria> aparece em negrito. Quando é necessário destacar outro verbo ou advérbio com os quais a referida forma se relaciona, usamos letras em itálico.

Além dos exemplos dos inquéritos, algumas vezes precisamos acrescentar exemplos "ad hoc". Estes se destacam daqueles por não trazerem número do inquérito. Casos assim são evitados na medida do possível, uma vez que, sendo este trabalho de caráter descritivo, deve explorar as ocorrências representativas da fala dos informantes de São Paulo.

Utilizamos também o sinal de transcrição, encontrado no guia-questionário indicando alternância.

Baseados no Guia-questionário, privilegiamos, no nosso trabalho, as categorias de tempo e modo. Salientamos, no entanto, que algumas orientações nele contradas forma alteradas em função dos dados. As primeiras modificações dizem respeito a estabelecimento de critérios sobre o que entendemos por perífrase verbal, formas alternantes, etc., o que será visto mais detalhadamente, no capítulo sobre o assunto.

I. CATEGORIAS VERBAIS DA FORMA EM <-RIA>: ESTADO DA QUESTÃO

Dado que a preocupação central deste estudo está em descrever os usos dessa forma verbal, principiamos nosso trabalho, procedendo à leitura e fichamento da bibliografia pertinente, que compreende: 1^o) estudos de caráter geral sobre o verbo - Gustave Guillaume (1929), Paul Imbs (1960), Arne Klum (1961) e Molho (1975); 2^o) Manuais de sintaxe: Epiphanyo Dias (1918) e Cláudio Brandão (1933); 3^o) Gramáticas do português: Soares Barbosa (1803), Said Ali (1908, 1921), Glástone Chaves de Melo (1968) Celso Cunha (1970) etc... 4^o) estudos específicos: Câmara Júnior (1956, 1964, 1972), Earl Thomas (1969) e Audubert (1972); 5^o) Consultamos também alguns textos de sintaxe e gramática espanhola, dado o vínculo do Projeto da Norma Lingüística Urbana Culta com essa área: Charles Kany (1945), Gili Gaya (1969), Real Academia Española (1973), bem como um, trabalho de língua falada realizado no México, por Moreno de Alba (1978).

II. O ESTUDO DA FORMA EM <-RIA> NA LÍNGUA FALADA

II.1. Língua Espanhola

Resenharemos aqui um trabalho paralelo ao nosso sobre a língua falada espanhol. Trata-se de um estudo realizado no México por Moreno de Alba: *Valores de las formas verbales en el español de México* (1978:101-116). Resumiremos a parte referente à forma em <-ria>, mantendo a nomenclatura do autor: pospretérito=faria, antepospretérito=teria feito, copretérito=fazia; antepretérito do subjuntivo-houvera cantado.

Baseado em gravações realizadas na cidade do México, o autor chegou às seguintes conclusões a respeito do uso, situação de ocorrências, decadência e substituição das formas pospretérito e antepospretérito.

Corpus: 15.880 ocorrências, assim distribuídas:

Formas verbais	Ocorrências	Porcentagem
1. Presente	8.355	52,6%
2. Passado	4.166	26,2%
3. Futuro	668	4,2%
4. Tempos do subjuntivo	1.090	6,9%
5. Formas nominais	1.601	10%

Quadro 1

Ao se referir ao futuro, com 668 ocorrência, o autor agrupou as seguintes formas:

Formas	Ocorrências	Porcentagem
a) futuro absuto (simples)	134	0,8%
(composto)	6	0,3%
b) pospretérito	144	0,9%
antepospretérito	2	0,1%
c) imperativo	382	2,4%

Quadro 2

Segundo Moreno de Alba (ibid, p.89) embora o imperativo não pertença ao modo indicativo, designa algo "vindouro".

(A) Resumo de frequência do pospretérito: 144 ocorrências, ou seja, 0,9% considerando o total das formas documentadas (15.880), e seus valores modo-temporal.

I. Valor das formas

Valor das formas	Ocorrências	Porcentagem
1. Com valor temporal de futuro do pretérito	15	10,4%
2. com valor modal:	129	89,5%
a) referente ao presente	50	34,7%
b) referente ao passado	16	11,1%
c) referente ao futuro	63	43,7%

Quadro 3

II. Situação de ocorrências

1. Valor temporal: em orações objetivas diretas de um verbo no pretérito. Segundo o autor só ocorre em construções do estilo indireto: "Le dise que no le hacía, que ya nos secaría, mos después."

2. Valor modal: orações independentes e principais.

a) pospretérito referente ao presente (50 casos).

- apótese de cláusula condicional com prótase implícita: "Es una persona que podría vivir como un 'play boy' (si quisiera)."

- cláusula condicional completa: "Todos esos resignados, si tuvieran dinero, ya no serían tan resignados."

- afirmações com certas dúvidas: "La expresión más dinámica de esto sería (es) realmente el psicoanálisis."

b) pospretérito referente ao passado (16 casos).

- indicando suposição, pergunta, admiração: "¿Qué podría hacer en un campo que todavía ni siquiera se bosquejaba?"

- aparece em oração subordinada objetiva direta precedido de "si": "Entonces él se preguntó si éste no sería uno de los..."

c) pospretérito referente ao futuro (63 casos).

- indicando dúvida, suposição: "Entonces, lejos de ser una ayuda para ti, sería una carga."

- expressa a possibilidade de que algo aconteça num futuro absoluto em relação ao momento em que se fala: "Según este Cristiano, tu gabación no la acabarías ni el día del juicio."

- ocorre em apótese de cláusula condicional com prótase implícita: "Yo podría dar la clase de psicoacústica."

- cláusula condicional completa: "Si una mujer desea seguir estudiando... el marido se lo prohibiría."

III. Substituição do pospretérito

Considerando as 144 ocorrências de pospretérito, verificamos que 64,2% delas são representadas pela forma de pospretérito e 35% pelas formas que o substituem.

Formas verbais	Ocorrências	Porcentagem
a) copretérito (em apódose de cláusula condicionada e com valor de FP)	63	28,1%
b) ir (copretérito)+a+infinitivo, sobretudo em função de FP	17	7,5%

Quadro 4

Diz o autor: "Deve advertirse finalmente el notable equilibrio o paralelismo que conserva la lengua en cuanto a las suplencias de los futuros; el futuro absoluto y el futuro del pretérito o pospretérito: ambas formas se ven substituidas por la perifrasis ir+a+inf., con el verbo conjugado en presente o en copretérito, según se trata de substituir al futuro o al pospretérito (p.103)"

IV. Ordem de frequência das formas verbais que expressam o futuro do pretérito (valor temporal)

Formas	Ocorrências	Porcentagem
1. copretérito	28	46,6%
2. ir (copretérito)+a+inf.	17	28,3
3. o próprio pospretérito	8	25%

Quadro 5

(B) Resumo de frequência do antepospretérito: 2 ocorrências, ou seja, 0,01% considerando o total de formas documentadas (15.880).

Valor das formas
1. temporal de FP anterior a outro pretérito.
2. aspectual perfectivo.
3. modal de possibilidade.

Quadro 6

I. Situação de ocorrências

- cláusula condicional com prótase expressa: "Yo pienso que si hubiese seguido, pues no habría tenido el éxito que tuve."

- apódose de cláusula condicional com prótase implícita, ou contextual: "Serías muy útil a la lingüística; te habría echado sus hilos invisibles"

II. Substituição do antepospretérito

Formas verbais

1. antepretérito do subjuntivo em apódose.
2. presente do indicativo em apódose.
3. ir (copretérito) + a + infinitivo.

Quadro 7

O valor temporal do pospretérito no México está em decadência, o que não acontece com seu valor modal. O antepospretérito é das menos frequentes das formas verbais, exceção feita apenas ao antepretérito de indicativo (hube cantado) e ao futuro e antefuturo de subjuntivo (cantare, hubiere cantado).

II.2. Língua Portuguesa

II.2.1. A Forma em <-ria> simples

Neste capítulo, recolhemos as ocorrências de V-ria, isto é, os casos em que apenas uma forma verbal aparecer flexionada com o morfema que estamos estudando. cogitamos, inicialmente, tomas como critério de ordenação o sintático, mas a repetição de ocorrências num mesmo tipo oracional tornaria a exposição enfadonha. Optamos, pois, pelo critério semântico, considerando os valores expressos pela forma: modalidade, tempo e modalidade/tempo.

II.2.1.1. Valores expressos pela forma

a) Modalidade

Quando nos referimos à modalidade, queremos mostrar as diversas possibilidades expressivas de um mesmo modo lingüístico. Para um melhor esclarecimento sobre modo e modalidade, perfilharemos o que diz Molho (1975:75):

"(...) modo discursivo (...) sería mejor denominar modalidad, puesto que un solo modo de lengua se presta a la expresión discursiva de modalidades múltiples y a veces contradictorias, y (...) inversamente aun sola modalidad resulta susceptible de expresarse por medio de dos, y uan tres, modos lingüísticos."

1. Afirmção condicionada (172 oc.): esta é, numericamente, a modalidade representativa da forma em (-ria). Ela ocorre no chamado esquema condicional "prótase condicionante + apódose condicionada", que apareceu também com variações, como mostram os exemplos:

(1) "... ele **ganharia**, se comprasse o título, certo? (Inq.388, p.15)



apódose condicionada + prótase condicionante.

(2) "Mas agora, eu num **levaria** mais, não." (Inq.275, p.90). A prótase condicionante está parcialmente implícita: "**mas agora**" equivale a "mas se fosse agora". Temos: dêitico de tempo (agora) + pausa + oração (com verbo em-ria). Onde "agora" em função coesiva assegura a expressão da condição.

(3) "Pra mim só **seria** o caso de extrair, pra extrair junto a supra-renal." (Inq.275, p.2). Exemplo semelhante ao (2), temos, entretanto, a presença do verbo na prótase condicionante, o que não acontece no exemplo anterior. Observe-se que, na prótase, "pra" equivale a "se", assim, "**pra extrair**" equivale a "se extraísse". Na ausência do "se" o falante manteve a forma de infinitivo, e não a de imperfeito do subjuntivo.

O advérbio "só" que expressa exclusão: Pra mim só seria o caso de extrair pra extrair junto a suprarenal [e não noutra caso] expressa uma exclusão-condição que se completa na prótase condicionante.

(4) "Eu tenho a impressão que não **fora**, entende, o comércio desenfreado... nós **teríamos** um outro tipo de sociedade." (Inq.255,p.55). Aqui temos o esquema condicional sem a conjunção "se", e o subjuntivo substituído pelo mais-que-perfeito do indicativo, na prótase condicionante (fora=fosse). Esta substituição do imperfeito pelo mais-que-perfeito, foi a única ocorrência registrada em nosso Corpus.

(5) "E se necessário, então, **seria** um banheiro completo e um lavabo." (Inq.37, p.2). Na prótase condicionante ocorre a conjunção "se", sem o verbo que deveria ser "fosse".

Mesmo fragmentado, reconhecemos que há uma prótase condicionante em "E se necessário...". Convém observar, porém, que dêitico anafórico "então" resume toda a prótase, ou seja, este elemento em uso discursivo, representa a "condição" expressa na prótase.

Como se vê, o esquema condicional "prótase condicionante + apódose condicionada" nem sempre se encontra preservado na fala dos nossos informantes. No entanto, apesar da fragmentação do esquema, a "condição" foi mantida.

Ao contrário da prótase, a apódose nunca pode vir implícita, e isto vem contradizer a opinião de alguns autores que acreditam ser o verbo da apódose sempre determinado, sintaticamente, pelo da prótase. Em geral, a prótase aparece antes da apódose (v. exemplos 2,4,5), mas pode vir no final (v. exemplos, 1,3.).

Soares Barbosa (1803:141) ao se referir à forma em {-ria} da apódose, foge à opinião daqueles autores e vai mais longe na defesa desta forma, afirmando que "estas

linguagens (...) formam proposições principais e independentes (...) que bem longe de serem determinadas, ellas mesmas determinam sempre as condicionaes com que andam juntas e que lhes são subordinadas."

Acreditamos que estas duas orações são interdependentes na constituição do esquema condicional, uma vez que uma pressupõe a existência da outra. A correspondência entre a forma verbal subjuntiva da prótase e a forma em {-ria} da apódose não nos autoriza a classificá-las como determinante e determinada, uma vez que estas orações não possuem uma posição de ocorrência fixa, como a encontrada, por exemplo, em: "Ele falou que sairia". Se considerarmos, porém, o fato de a apódose sempre vir explícita, o que lhe dá um caráter de principal, somente o verbo desta oração poderá ser considerado determinante. E é aqui que concordamos com Soares Barbosa.

1.1. Por que "afirmação condicionada".

A forma em {-ria} chegou a ser considerada um modo à parte por conta de sua ocorrência no esquema condicional; conseqüentemente, foi destacado não só o seu valor modal, mas a modalidade hipótese sobressaiu-se, para muitos, como representativa desta forma. Entretanto, as nossas ocorrências nos mostram que não existe na forma em {-ria} da apódose condicionada expressão de hipótese, mas de afirmação condicionada. Observaremos alguns dados que endossam nossa conclusão:

1º) A forma em {-ria}, quando considerada hipotética, só ocorre no esquema:

Prótase condicionante + Apódose condicionada
↓ ↓

(6) "... se sobrassem quartos, eu **faria** de escritório." (Inq.37,p.19).

Quando dizemos "eu **faria** de escritório" temos:

- a) uma afirmação
- b) uma representação problematizada da realidade.

Noutros termos, temos uma "afirmação problematizada".

Somente ao acrescentar "se sobrassem quartos" passamos a ter uma condição. E assim, temos uma afirmação na forma em {-ria} que depende de uma condição expressa pela prótase condicionante, ou seja, temos uma afirmação condicionada.

Se a prótase é condicionante é porque há uma apódose a ser condicionada. Como a forma em {-ria} aparece sempre na apódose, deduz-se que esta forma não possui o valor hipotético que, algumas vezes, lhe é atribuído, mas que este valor pertence à prótase, isto mesmo, subjacente à condição porque, em princípio, o que temos na prótase é uma condição.

2º) Ao esquema citada podemos acrescentar:

- (7) "Se for possível, **vijarei**."
- (8) "Se todos ajudam, tudo **caminha** bem."
- (9) "Se queres a vitória, **prepara-te** para a luta."

Disto se conclui que o esquema condicional não é exclusivo da forma em {-ria}, e para admitir que esta forma expressa hipótese, teríamos que afirmar o mesmo do futuro do presente (7), presente do indicativo (8), e imperativo (9). E mais: a ausência do subjuntivo na apódose condicionada, comprova que aí se realiza uma forma afirmativa.

Há quem argumente que as orações do tipo (7), (8) e (9) fora do esquema condicional permanecem logicamente possíveis. Nós dizríamos que sim, mas não como expressão de hipótese. E isto só confirma que o valor hipotético provém, realmente, da prótase condicionante.

A única justificativa que poderíamos encontrar para estas conjeturas a favor da hipótese como expressão da forma em {-ria} é a seguinte a firma em {-ria} é problemática; o esquema condicional também o é, pois, por antecedência sabemos que toda afirmação que nele for colocada dependerá de uma condição. Assim, foram confundidos os limites que separaram a problemática inerente à forma em {-ria}, da problemática do esquema condicional.

2. Polidez (57 oc.): é a modalidade colocada em segundo lugar, em número de ocorrências. Os exemplos de polidez referentes ao presente podem ser substituídos por verbo no presente ou imperfeito; os referentes ao passado, pelo imperfeito.

(10) "O certo **seria**... **seria** o filho adotivo, né?" (Inq.21, p.23). Onde **seria** substitui "é".

3. Timidez (1 oc.): um caso ligado à polidez, porém difícil de ser diferenciado num texto escrito, é o da timidez; ambos possuem a mesma pontuação. Entretanto, observamos que o uso da forma em {-ria} em princípio de discurso, pode ser mais um caso de timidez do que de polidez, pois à proporção que o diálogo se firma, que o falante fica mais à vontade, a forma em {-ria} é menos usada, preferindo o falante a forma que normalmente usaria (presente ou futuro do presente).

Considerando a dificuldade apontada, só um exemplo nos permitiu estabelecer a diferença entre as duas mudanças, e o mesmo se justifica mais pela situação em que ocorre o diálogo. É um caso em que o falante encontrava-se em atitude de elocução formal, realizando uma palestra, ao contrário da maioria dos inquiridos pesquisados, onde os informantes se encontravam numa situação de descontração, em diálogo espontâneo. Até mesmo nos outros dois inquiridos de elocução formal pesquisados, os informantes não falavam para o público. Daí a diferença entre as ocorrências de polidez e a seguinte:

(11) "A primeira... o primeiro ítem sobre o qual eu **falaria**, pelo menos para os não iniciados no assunto (...) Porque me parece (que) **haverá** muito mais interesse..." (Inq.350, p.1).

Ao iniciar a palestra, o informante usou **falaria** por "falarei" ou "vou falar". À medida que ele se sentiu mais seguro diante do público para o qual falava, passou a usar a forma de futuro do presente, repetidas vezes.

4. Dúvida (12 oc.): como no caso da afirmação condicionada, a expressão dessa modalidade recebeu ajuda do contexto:

(12) "Mas hoje eu não sei como essa menina **diria**, como é que..." (Inq.6, p.19). Aqui, a expressão "eu não sei" já exprime a dúvida.

Em alguns casos, a ajuda é mais sutil:

(13) "... a gente vai levando o indivíduo a falá(r) essas palavras para sabermos qual **seria** o léxico que ele conhece." (inq.350, p.23). Em "para sabermos" subentende-se "porque não sei".

5. Idéia aproximada (4 oc.): é um caso ligado à dúvida.

(14) "... às vezes até com um burro e uma espécie de... não **seria** de arado..." (Inq.18, p.5). Onde "não seria de arado" corresponde a "não é mais ou menos como um arado".

6. Irrealidade (2 oc.): outro caso ligado à dúvida.

(15) "... que pelo meu modo de comer o que... o resultado **seria** eu ser magra." (Inq.275, p.8).

Ao afirmar isto, a informante tem consciência de que é gorda e de que jamais será magra. Uma vez comprovada a realização da condição (comer pouco), mais a não obtenção do resultado (emagrecer) transpõe-se a dúvida para a irrealidade.

7. Possibilidade (1 oc.): no possível, as chances de realização e não-realização são iguais.

(16) "**Seria** possível atribuir esse feito a qualquer outra potência." (Inq.365, p.8). A possibilidade foi expressa com ajuda do contexto.

8. Probabilidade (4 oc.): na ordem da previsão, a probabilidade exprime maior chance de realização de que de não-realização.

(17) "... paga muito menos do que **pagaria** para um engenheiro formado..." (Inq.41, p.6). Por "**pagaria**" entende-se "provavelmente pagaria".

Como vemos, a diferença entre a probabilidade e a possibilidade está no maior ou menor grau de realização.

9. Certeza (6 oc.): num primeiro estágio de observação, pensamos classificar estas ocorrências como exemplo de polidez. Depois, verificamos que o que as caracterizava era a certeza a respeito do que se afirmava.

(18) "estes jogavam num time chamado velha guarda. E eu usava a caneleira do meu pai que era um instrumento semi-medieval an... de couro com uns ferros no meio para não receber a canelada. Hoje aquilo **impediria** um Pelé de fazer assim aqueles dribles ou manear com a bola bem..." (Inq.6, p.5).

Tudo que afirmamos por experiência, para nós tem a força de uma certeza, embora como tudo que nos aconteça esteja sujeito à eventualidade; no nosso espírito, porém, a eventualidade é uma espécie de exceção à regra, e só vem explícita quando está presente em nós qualquer dúvida. Como a problemática está na significação básica da forma em {-ria}, na expressão de qualquer modalidade, neste caso, a problemática representa, apenas, a impossibilidade de o informante atualizar o que afirma.

(19) "... eu tenho certeza que a senhora não se refere a ceia não, né? porque essa não **seria** a última refeição... no Brasil, não **seria**." (Inq.6, p.28).

Se retirássemos a expressão "eu tenho certeza", teríamos:

a) "a senhora não se refere a ceia, não, né? porque essa não seria a última refeição... no Brasil, não seria".

Poderíamos dizer ainda:

b) "Se a senhora se refere à ceia, essa não seria a última refeição... no Brasil, não seria".

De qualquer forma, mesmo retirando a expressão "eu tenho certeza" (exemplos a e b) e até mesmo introduzindo a conjunção "se" (exemplo b) a forma em {-ria} manteria a sua força para expressar a "certeza" independente da ajuda do contexto. Há, inclusive, uma ênfase gradual: o segundo "seria" é mais enfático de que o primeiro.

Convém chamar a atenção para uma afirmação encontrada em grande parte dos autores que tratam da forma em {-ria}: a de que esta forma é usada em contextos

em que o falante não assume o seu enunciado. Bastaria o último exemplo que acabamos de ver para contradizer a afirmação. A expressão "eu tenho certeza" é atestadora de que o informante assume o seu enunciado e, é através da forma em {-ria} que ele demonstrou aquilo de que tem certeza.

b) Modalidade/Tempo

1. Probabilidade no passado (1 oc.)

Neste exemplo, os valores modalidade e tempo apresentam-se com a mesma força, daí a impossibilidade de distribuí-los pelo seu valor predominante, como fizemos com as modalidades até aqui apresentadas. A probabilidade mantém nesta ocorrência a mesma característica dos exemplos anteriores; quanto ao tempo, é representado pela relação de simultaneidade com relação a um tempo do passado. Não é um tempo como flexão verbal, mas como cronologia.

(20)"É um prédio que **estaria** de acordo com a cidade quando ele foi feito. Mas não deixaram que ele continuasse de acordo, não é? (Inq. 32, p.3).

Há em **estaria** a expressão de uma probabilidade no passado. A expressão de tempo é estável, mas a de probabilidade não o é. Para comprovar, basta substituir **estaria** por **estava**, caso em que desapareceria a noção de probabilidade, permanecendo apenas a de simultaneidade a uma ação pretérita.

A situação de ocorrência da forma em {-ria} simples é a seguinte: exprimindo modalidade (259 oc.), ocorreu tanto em orações independentes (177 oc.) e com dupla função (5 oc.). As orações **independentes** aparecem todas (aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva, explicativa, principal, absoluta, assindética e intercalada). Algumas subordinadas: **substantivas**: apositiva, objetiva direta (discurso direto e indireto), predicativa e subjetiva; **adjetivas**: explicativa e restritiva; **adverbiais**: causal, consecutiva e comparativa. E as com dupla função: completiva nominal/principal, objetiva direta/principal, subjetiva/principal, adjetiva restritiva/principal e final/principal.

Tivemos uma ocorrência (1 oc.) de modalidade/tempo expressando probabilidade no passado, em oração adjetiva/principal.

II.2.2. A forma em {-ria} em grupo verbal.

Examinemos as ocorrências do tipo **V-ria + V-do**, **V-ria + V-ndo** e **V-ria + V-r** que, provisoriamente, chamaremos grupo verbal. Antes, porém, observemos o que dizem alguns autores a respeito do **V-ria** que, também provisoriamente, chamaremos de verbo auxiliar, ou **V₁**.

II.2.2.1. Opinião dos autores sobre o verbo auxiliar.

Soares Barbosa (1803:126) distingue três espécies de verbos: o verbo substantivo (*ser*), os verbos auxiliares (*ter*, *haver*, *estar*), e os verbos adjetivos (os demais verbos). Ao se referir aos verbos auxiliares ele diz. "Estes (...) chamam-se auxiliares, porque auxiliam o verbo "ser" para tomar todas as formas compostas, e combinações precisas para este fim." Continuando, ele mostra que "Alem d'estes tres verbos auxiliares (...) ha outros tres (...) são os nossos (...) verbos de movimento andar, vir e ir (...). Também acertar de, dever de, têm força de auxiliares" (ibid, 129-130).

Said Ali (1921:161-162) mostra que "da combinação de um verbo relacional (auxiliar) em suas diversas formas com o infinitivo, gerúndio ou particípio do pretérito de um verbo nocional (principal), resulta a conjugação composta. (...) Com o gerúndio por verbo principal combina-se **estar** como auxiliar, ou também **ir**, **vir**, ou outros, apagando-se nestes a significação de locomoção."

Câmara Júnior (1964:61) divide os verbos auxiliares em "1) permanentes (*ter*, *haver*, *ser*, *estar*) e 2) ocasionais (*ir*, *vir*, *andar*), segundo a construção perifrástica é 1) permanente, tradicionalmente enquadrada na gramática da língua, ou 2) de caráter um tanto ocasional.

Lúcia Lobato (1975:76-77) após a utilização de uma série de testes, a fim de determinar os verbos auxiliares, chegou à conclusão de que são auxiliares *stricto sensu*: *haver*, *ter*, *ser* + particípio passado, e *estar* + gerúndio; e auxiliares *lato sensu*: os verbos de desenvolvimento (*começar a*, *continuar a*, etc.), os modais (*poder*, *dever*, *querer*, *crer*, etc.), o verbo da passiva (*ser*), os verbos temporais (*ter*, *haver*, e algumas vezes *ser*, como em "naquela época eu ainda não era nascido"). E justifica: "A classe de auxiliares do português moderno fica assim delimitado a quatro elementos que são realmente verbos em que se processou perda semântica e que apresentam com seu auxiliado unidade semântica (um só sujeito) e funcional (indissociabilidade funcional pela negação, possibilidade de combinação com qualquer tipo de sujeito e comportamento como um todo sob a incidência de um circunstante de tempo ou de um pronome clítico), pertencendo todos os quatro a uma classe gramatical (alta frequência média de ocorrência num texto dado, passagem obrigatória e número restrito de elementos por parte do falante)".

Como vimos, a auxiliaridade verbal é um assunto controvertido, que gera divergência entre os autores. Estas divergências se devem não só à complexidade do assunto, mas também, a diferença de critérios usados (sintáticos, semânticos, morfológicos, etc.) no seu tratamento.

Considerando a necessidade de estabelecer critérios sobre a auxiliaridade, a fim de procedermos à distribuição das ocorrências em **V-ria + V-do**, **V-ria + V-ndo**, e **V-ria + V-r**, resolvemos observar o *corpus*, e daí tirarmos uma conclusão a respeito da relação existente entre os verbos de cada grupo.

II.2.2.2. Observação das ocorrências.

a) **V-ria + V-do.**

(21) "... mas eu acho que eu nunca **teria ido** para medicina..." (Inq. 275, p.27).

(22) "Todos **seriam reprovados!**" (Inq. 275, p.39).

b) **V ria + V-ndo.**

(23) "... também eu **estaria contribuindo** para poluir menos a cidade." (Inq. 255, p.63).

c) **V-ria + V-r.**

(24) "... nós **teríamos que fazer** um papel tão bom quanto..." (Inq.32, p.28)

(25) "Para abrir a vontade do aluno para aquele que **viria a ser** o texto " (Inq. 255, p.55).

(26) "... acho que eu já **iria ouvir** o que eu esperaria ouvir..." (Inq.275, p.55).

Verifiquemos o que há em comum no comportamento destes grupos verbais: há um sujeito único para os dois verbos de cada grupo; houve uma perda sêmica nos verbos **ter/ posse/, ser/ essência/ estar/ estado/, ter que/ obrigação/, vir/ movimento/, ir/ movimento.** As flexões modo-temporal e número pessoal que seriam encontradas nas formas simples dos **V-do, V-ndo e V-r** de cada grupo, foram transferidas para os **V-ria**. E ainda: o conceito de ação concluída expresso pelo grupo do exemplo (21) **teria ido**, não seria expresso pela forma simples **iria**; no exemplo (22), o verbo **ser** combina-se ao verbo **reprovar** para constituir a voz passiva analítica; no (23), a combinação do verbo **estar** + gerúndio ressalta um processo em desenvolvimento; no (24), a necessidade expressa pela forma "ter que" não é encontrada na forma simples. Para exprimir estes conceitos, os verbos (21) ir, (22) reprovar, (23) contribuir, (24) fazer, recorreram a um auxiliar. Nos exemplos (25) e (26) os grupos verbais podem ser substituídos pela forma simples e continuarem exprimindo probabilidade e futuridade, respectivamente, o que, por si só, já é condição suficiente para comprovar a existência de um grupo verbal, e, conseqüentemente, de um auxiliar. Nestes últimos exemplos, houve uma gramaticalização completa dos verbos "vir e ir", o que não ocorreu com "ter que", parcialmente gramaticalizado. É que há vários graus de perda sêmica.

Visto que, uma função se estabelece numa relação, ao comprovar a existência de um grupo verbal, onde o auxiliar é o V_1 , inferimos a existência de um V_2 , a que chamaremos de principal.

Um mesmo verbo, dependendo do contexto, pode ser ou não auxiliar. É o que vemos em:

(27) Eu **iria ficar** aqui.

Esta oração corresponde a "eu ficaria aqui", porque há uma correspondência semântica entre as duas. Temos na forma em {-ria} um auxiliar (V_1).

(28) Eu **iria correndo** até a praça.

A interpretação para esta oração é a seguinte: "eu iria até a praça e iria correndo", onde a forma em {-ria} não é auxiliar. No exemplo (27), o verbo **ir** perdeu seu sema/movimento/o que não aconteceu no exemplo (28).

O verbo transitivo que constitui o primeiro elemento no contexto **V-ria + V-r**, não é um verbo auxiliar; temos aí verbos em justaposição, formando aparente grupo verbal. Neste caso, enquadram-se os modais (saber, querer, poder (= ter poder, condição), sensitivos (ver, ouvir, etc.), dicendi (dizer, falar etc.) causativos (mandar, deixar, fazer, etc.) e outros.

(29) "... eu não **saberia** distinguir se eu visse..." (Inq.18, p.15).

(30) "... eu não sei até que ponto eu **poderia** responder essa pergunta..." (Inq.41, p.21).

(31) Ele **veria** distribuir os papéis.

(32) Ela **diria** saber tudo.

(33) Eu **mandaria** entrar o primeiro.

Em todos os exemplos citados, o **V-r** faz parte de uma oração completiva, exigida pelo **V-ria**.

II.2.2.3. Grupo verbal e aparente grupo verbal: conceituação

Para uma melhor compreensão das formas verbais com que trabalharemos, insistimos na conceituação de:

a) Grupo verbal - é todo grupo constituído por mais de um verbo em relação de recorrência, onde o V_1 gramaticalizou-se, tornando-se se auxiliar. Estes verbos possuem um só sujeito, e o V^1 nunca pode ser transitivo.

b) Aparente grupo verbal - é a justaposição de verbos, sem relação de recorrência, que conservam seus valores lexicais, onde o V^1 pode ser ou não, transitivo, e portanto, não auxiliar.

II.2.2.4. Denominações dadas ao grupo verbal

Após esclarecermos o que estendemos por grupo verbal e aparente grupo verbal, surge outra questão: por que distribuir os grupos verbais em tempo composto e conjugação perifrástica? Mais uma vez, vejamos o que dizem alguns autores.

Cláudio Brandão (1963:530) diz "... se bem que, na acepção lata, sejam perífrases a voz passiva analítica e os tempos compostos, reserva-se esta denominação especial para os grupos verbais em que figuram como componentes o infinitivo e o

gerúndio". Em Gladstone Chaves (1968:166-167) a justificativa encontrada para a separação dos grupos verbais é a seguinte: "A razão é que os tempos compostos fazem parte da conjugação normal, têm cada qual seu nome (...) dentro da conjugação, ao passo que as locuções verbais constituem cada uma sua conjugação inteira e nascem das necessidades de expressão mais complexa, em que se busca traduzir o aspecto verbal." Já Said Ali (1921:161) apesar de reconhecer que "segundo praxe antiga dos gramáticos, consideram-se tempos compostos e conjugações perifrásticas como cousas distintas", não vê motivos para manter esta distinção, "uma vez que **ter andado** e **estar andando** nasceram de processo análogos." Eunice Pontes (1973:15) mostra que "tanto na acepção mais ampla como na mais restrita, LV costuma ser sinônimo de Conjugações Perifrásticas. (...) A maioria de nossas gramáticas conserva a tradição de separar TC e CP sem se preocupar em verificar se há fundamento para mantê-la." (ibid., 21). Finalmente, ela decide abandonar as denominações tempo composto e conjugação perifrástica e usar locução verbal como designação geral.

Prosseguimos, acompanhando a conceituação de Celso Cunha (1979:379): "Os conjuntos formados de um verbo auxiliar com um verbo principal chamam-se locuções verbais". Até aqui, entendemos que locução verbal abrange todos os conjuntos **VA + VP**, sem referência particular a tempo composto ou conjugação perifrástica. Seguindo, o gramático mostra que "ter e haver" empregam-se:

a) como participio do verbo principal para formar os tempos compostos da voz ativa, denotadores de um fato acabado, repetido ou contínuo:

"Tenho escrito a meus pais."
"Havíamos comprado um barco."

b) Com o infinitivo do verbo principal antecedido da preposição **de** para exprimir, respectivamente, a obrigatoriedade ou o firme propósito de realizar o fato:

"Tenho de escrever a meus pais."
"Havemos de comprar um barco."

Com isto, subentende-se que apenas **ter e haver + participio** são formadores de tempos compostos, e que no caso (b) onde temos **ter e haver + de + infinitivo** continuamos a ter uma locução verbal, que sendo tempo composto também não recebeu qualquer classificação, por exemplo, conjugação perifrástica.

O autor continua citando outros verbos "**ser + participio** como formador de voz passiva, **ir, vir e andar** como auxiliares, sem qualquer referência a tempo composto ou conjugação perifrástica (p.380).

Entretanto, posteriormente, ele fala (ibid.385) que "entre os tempos compostos da voz ativo merecem realce particular aqueles que são constituídos de formas de verbo **ter** (ou mais raramente, **haver**) com o participio do verbo que se quer

conjugar." Disto se deduz que há outros verbos formadores de tempos compostos da voz ativa, além de **ter** e **haver**, ao contrário do que se pensou com a demonstração do autor no exemplo (a). De qualquer modo, ele não usa o termo conjugação perifrástica, embora admita a existência de uma locução verbal que não é tempo composto (exemplo b).

Poderíamos citar, ainda, inúmeros autores, o que só aumentaria o número de opiniões, sem nos levar a um consenso. Daí por que preferimos citar alguns, mas acompanhar o seu pensamento. Resumindo o que eles disseram temos: Brandão considera perífrase verbal os grupos auxiliar + infinitivo e auxiliar + gerúndio. Said Ali não distingue tempo composto de conjugação perifrástica. Eunice Pontes também não faz essa distinção, mas sugere que se chame aos dois de locução verbal, o que não me parece válido, por ser este termo "comprometido", isto é, muitos autores o consideram sinônimo de conjugação perifrástica, como vemos em Gladstone Chaves. Em contraposição à argumentação de Gladstone que considera os tempos compostos representativos de "tempo" propriamente dito, e as locuções verbais representativas de "aspecto", bastaria ver o já citado exemplo de Celso Cunha: "tenho escrito a meus pais" onde **ter** + **particípio passado** indica aspectos iterativo, ou em Câmara Júnior (1956:35) o presente de **ir** + **infinitivo** indicando um futuro próximo "**vou falar**".

Em face do exposto, concluímos que o assunto auxiliaridade verbal, em todos os sentidos, continua ensejando opiniões contraditórias. Como não encontramos nada que justifique essa separação, no levantamento das formas verbais, chamaremos de grupo verbal, indiscriminadamente, os chamados tempos compostos e conjugações perifrásticas.

II.2.2.5. Valores expresso pelo grupo verbal

Encontramos nas ocorrências de grupo verbal, alguns valores das formas simples.

a) Modalidade

1. Afirmação condicionada (15 oc.)

(34) "... se houvesse necessidade de alguma modificação, **seria feita**." (Inq.37, p.3)

2. Polidez (9oc.)

(35) "... realmente nós **estaríamos nos abrindo** para realizar..." (Inq. 255,p.61)

3. Irrealidade (1oc.)

(36) "Não, mas para isso ocê **iria tirá (r)** cum bisturi de ouro..." (Inq. 255, p.22)

4. Probabilidade (5oc)

(37) "é... foi acrescentado depois. ele não **deveria existir...**" (Inq. 32, p.6).

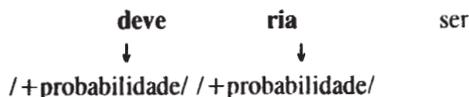
5. Probabilidade/uso intemporal (1oc.)

(38) "Também eu tenho experiências curiosas pra contar, contar **deveria ser**, né senhor gravador..." (Inq. 6, p.6).

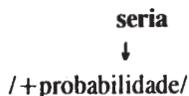
O uso francamente intemporal da forma em {-ria} é raro, por isso falamos em valores predominantes. Mas o exemplo que acabamos de citar mostra uma ocorrência neste sentido: **deveria ser** é um estado permanente.

O verbo **dever** em grupo verbal, gramaticalizado, expressa probabilidade, como mostram as ocorrências (37) e (38). Se substituirmos, por exemplo, **deveria ser** (ex.38) por **seria** teremos a mesma expressão de probabilidade. vale salientar, porém que esta modalidade é assegurada pela forma em {-ria} e não mais pelo verbo: Explicamos:

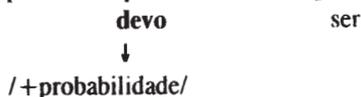
A) Em **deveria ser** a expressão de probabilidade é assegurada pelo verbo **dever** e pelo morfema {-ria}:



Em **seria** com a ausência do verbo **dever**, a probabilidade continua sendo assegurada por {-ria}:



B) Comparando o verbo **dever** em {-ria} com exemplo em que ele adquire morfema de presente, temos a expressão da probabilidade assegurada pelo radial do verbo:



futuro do pretérito um tempo relativo, ou seja, indiretamente medido (segmento hipotético da construção do futuro na terminologia Guillaumiana).

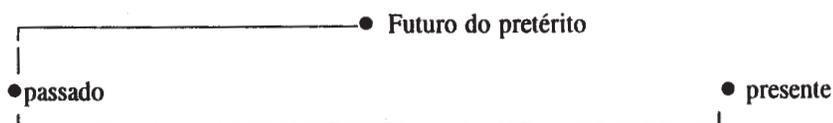


Fig. 2

1. Tempo futuro do pretérito (1 oc.)

(41-a) "Eu **disse** a ele que só **poderia aceitar...**" (Inq. 255, p.5).

Num contextto maior temos:

(41-b) Eu **disse** a ele que só **poderia aceitar** se fosse possível..." (Inq. 255, p.5).

Neste exemplo, temos na forma em {-ria} uma expressão de futuro do pretérito que se junta à modalidade. O valos temporal vem de sua relação com um tempo do passado.



enquanto a modalidade (afirmação condicionada) vem de sua relação com a cláusula condicional.



O grupo verbal **poderia aceitar** (= **aceitaria**) tem também na forma em {-ria} uma expressão de possibilidade que se mantém independente da ajuda do contexto, que neste caso, também é significativo, pela presença de elementos como : só, se possível, etc...

Câmara Jr. (1956: 35) cita Kahane e Hutter¹ com os quais concordana afirmação sobre o uso espontâneo da construção vou + infinitivo. Kahane e Hutter afirmam ainda que "o futuro em {-ria} desapareceu para qualquer propósito prático, do nível da fala coloquial dos nossos informantes". Mais recentemente, Audubert (1972: 89) retoma a matéria, analisando jornais de São Paulo, e escritos em francês de estudantes brasileiros. A partir desses dados confirma que a forma simples em {-r} é

¹ Kahane e Hutter. The verbal categories of Colloquial Brazilian Portuguese. apud Word journal of the Linguistic Cicle of New York, V.9, nº 1.

pouco usada, todavia condena o destaque que é dado às formas **vou + infinitivo e ia + infinitivo** como expressão do futuro em detrimento das formas **irei + infinitivo e iria + infinitivo**, o que não se justifica - diz ele - uma vez que estas ocorrem com frequência. ele salienta o uso ambíguo das formas analíticas, pois, nesses casos, é difícil dizer se o morfema gramatical é um simples indicador de futuro ou um morfema lexical do verbo **ir**, com valor pleno de movimento. E conclui que, em português, há preferência pela forma analítica, e que esta forma é viva e dá à nossa língua "uma grande riqueza de meios de expressão da ação por vir (ibid, 92).

No nosso corpus, aparecera duas formas com **V-ria (ir)** e duas com **V-ria (ir) + V- r**. A respeito da ambigüidade desta última forma, permitimo-nos fazer um comentário mais amplo (rever o que já foi dito sobre o assunto na página 29 § 2) partindo da observação do exemplo (36), do nosso inquérito:

(36-b) "Não, mas para isso ocê iria tirá (r) cum bisturi de ouro... (Inq. 275, p.22).

Em princípio, supomos que esta construção é ambígua, e temos para ela as seguintes interpretações:

a) **iria tirar** tem valor modal e pode ser substituído por **tiraria**.

b) o morfema lexical **ir** conserva seu sema/movimento/;**iria**/movimento, modalidade/para **tirar** (ação independente da primeira, expressa por um infinitivo de destinação). Neste caso, não poderíamos substituir **iria tirar** por **tiraria**.

Inserindo-a num contexto maior em que ocorreu, temos:

Informante 1 - "E se nós vamos tirá (r) dez cada uma..."

Informante 2 - "Não, mas para isso ocê iria tirá (r) cum bisturi de ouro".

Apesar de a informante 1 usar o verbo **ir** no presente, ela refere-se ao passado (vaos = fôssemos). Assim, verificamos que há uma suposição explícita, já irreal, porque colocada num passado onde a ação não se realizou. Como não ficou determinado "onde tirar", o que reforçaria a idéia de movimento, o verbo de infinitivo "tirar"/+ dinâmico/foi neutralizado. A própria "irrealidade" expressa pela forma parece ter contribuído para a neutralização.

Da informante 2 entendemos: Não,mas para isso, se você fosse tirar, tiraria com bisturi de ouro (bisturi de ouro = um médico competente, não determinado). Nesta situação, dizermos "se fosse tirar **iria** a fim de **tirar** com bisturi de ouro" é forçar a situação, alterando o contexto. Do que concluímos que "iria tirar" não é ambígua, neste contexto, e a interpretação que confirmamos é a (a).

Há uma relação entre a ambigüidade (ou não) de **V-ria (ir) + V-r** e o tipo de verbo de infinitivo. comparando o exemplo acima (36) "... **iria tirar**..." com o exemplo (26) "acho que eu já **iria ouvir** o que eu esperaria ouvir..." vemos que:

a) **tirar/+ dinâmico/** em si, contribui para a indicação de movimento.

b) **ouvir/** - dinâmico/ reduz a idéia de movimento.

Por isso, precisamos de um contexto maior para provar que **iria tirar** não é ambíguo, o que já não foi necessário com **iria ouvir**.

Se o **V-r** é como "permanecer"/ - dinâmico, - transitivo/, neutraliza ainda mais a idéia de movimento:

(42) Eu iria permanecer na sala.

Mas, se este verbo é como **tirar/+ dinâmico, + transitivo/** e vem acompanhado de seu objeto, de um circunstante de lugar ou instrumento, necessariamente, estes elementos contribuirão para provocar a ambigüidade. Por exemplo:

(43) "Eu iria tirar o livro da estante", onde a ligação **iria x estante** - verbo/movimento/ e circunstante/lugar; e **tirar x livro** - verbo/transitivo/e/objeto direto/provocam uma ambigüidade que só poderá ser desfeita num contexto amplo. É o que vemos em **iria tirar** do exemplo (36), onde a referência a "bisturi de ouro" (mesmo não sendo um médico determinado) reforçou a idéia de movimento que só posteriormente foi desfeita.

De tudo isto, concluímos que elementos contextuais como **V-r/dinâmico, transitivo/, objeto direto, circunstantes/lugar, instrumento/,** provocam a ambigüidade da forma **V-ria (ir) + V-r**. Enquanto o contexto geral pode desfazer esta ambigüidade.

No quadro 8, enumeramos os grupos verbais em {**-ria**} especificando o **V1** que faz parte destes grupos

GRUPOS VERBAIS	TOTAL	% (Considerando as 45 ocorrências)
1. V-ria + V-do		
a) V ¹ (ser)	4	
b) V ¹ (ter)	1	
2. V-ria + V-ndo		
a) V ¹ (estar)	3	
3. V-ria + V-r		
a) V ¹ (dever)	5	
b) V ¹ (ir)	2	
c) V ¹ (poder)	1	
d) V ¹ (ter que)	18	
e) V ¹ (vir)	1	
TOTAL GERAL	35	78%

Quadro 8

O verbo **haver** em {-ria} formando grupo verbal, não ocorreu, e com o verbo **ter + V-do** só registramos uma ocorrência. No entanto,, estes são os únicos verbos reconhecidos por todos os autores lidos como auxiliares stricto sensu.

Os grupos verbais totalizam 30 ocorrências expressando modalidade: 26 em orações independentes (com uma única exceção: da alternativa) e 4 em orações subordinadas (objetiva direta, adjetiva restritiva e adverbial causal). Quanto à expressão da modalidade/ tempo, tivemos 3 ocorrências, em orações independentes e um uso intemporal também em oração independente. Só registramos 1 caso de tempo futuro do pretérito em grupo verbal, em oração subordinada objetiva direta.

2.2.2.6. Valores expressos pela aparente grupo verbal.

Não encontramos nenhuma modalidade nos aparentes grupos verbais que já não houvesse sido mostrada em ocorrências anteriores.

a) Modalidade

1) Afirmação condicionada (17 oc.)

(44) Porque nenhuma delas, pelo menos na nossa idade de trinta e sete anos **deixaria** de dizer soirée". (Inq. 275, p.2)

2) Polidez (47 oc.)

(45) "é... justamente lá **deveria** acusar a passagem da substância que é o..." (Inq. 275, p.2).

3. Dúvida (1 oc.)

(46) "Mas acho que ela não está cumprindo aquele serviço que realmente... se **proporia** cumprir" (Inq. 255, p.25).

4. Probabilidade (1 oc.)

(47) "... acho que eu já iria ouvir o que eu **esperaria** ouvir..." (Inq. 275, p.55).

O verbo **dever** em aparente grupo verbal conserva seu valor lexical de obrigação, ao contrário do que vimos no grupo verbal. onde ele exprime probabilidade.

Os verbos que formam os aparentes grupos verbais são modais que conservam seus valores lexicais (dever= obrigação; querer, gostar= desejo; poder= ter poder, permissão); ao ocorrer com o morfema {-ria}, expressaram, em geral, polidez ou afirmação condicionada.

b) Modalidade/tempo

1. Irrealidade no passado (1 oc.)

(48) "Pra subir o J. a gente **deveria** ter ido de roupa esporte, né?" (Inq. 275, p.59)

2. Polidez no passado (1 oc.)

(49) "... as misturas que **deveriam** ser usadas com feijão..." (Inq.6, p.25).

c) Tempo

A relação com um pretérito do indicativo determina; sintaticamente, a escolha do futuro do pretérito.

A forma em {-ria} representando tempo, encontra-se numa oração objetiva direta. Vejamos:

1. Tempo futuro do pretérito (1 oc.)

(50) "Essas questões me vêm perturbando desde mil novecentos e sessenta e dois quando decidi que a segunda pergunta deveria ser respondida pela afirmativa..." (Inq. 365, p.9)

"... quando **decidi** que a segunda pergunta **deveria**..."

1. oração principal

(em relação à oração 2)

2. oração subordinada objetiva direta

(e principal em relação a uma terceira oração).

Os aparentes grupos verbais em {-ria} ocorreram em geral, em orações com dupla classificação ou com dupla função (42 oc.), com exceção da oração principal que também apareceu sozinha (27 oc.). Das 69 ocorrências, 66 são referentes à modalidade: 39, em orações independentes (principal, aditiva/ p, adversativa/p, conclusiva/ p, assindética/p, e 27 em orações subordinadas/principais (objetiva direta/p, restritiva/p, casual/p, completiva nominal/p, subjetiva/; há uma ocorrência referente ao tempo futuro do pretérito em oração subordinada objetiva direta/p; e, ainda, duas, na expressão da modalidade/ tempo: uma expressa irrealidade no passado em oração principal e a outra polidez com referência ao passado, numa oração adjetiva restritiva/p. A forma em {-ria} nos aparentes grupos verbais, é, em última análise, uma forma simples. Em termos sintáticos, ela apareceu, basicamente, em orações principais. Deste modo, formulamos os contextos em que ocorreu:

a) OP (oração principal)

b) OI x/OP (oração independente x/ oração principal)

c) OSy/OP (oração subordinada y/oração principal).

Quadro das ocorrências em {-ria}

OCORRÊNCIAS EM {-RIA}

1. VALORES EXPRESSOS PELAS FORMAS	2. FORMAS EM {-ria}							3. TOTAL DOS VALORES	4. PORCENTAGEM
	2.1. SIMPLES			2.2. GRUPO VERBAL		2.3. APARENTE GRUPO VERBAL			
	O.I	O.S	O.S/I.	O.I.	O.S.	O.I.	O.S./I		
	Absoluta aditiva adversativa alternativa conclusiva explicativa assindética intercada principal	Apositiva obj. direta predi-cativa subje-tiva restriti-va expli-cativa causal consecuti-va compa-rativa	Completi-va nomi-nal/P obje-tiva direta/ P subje-tiva/P restriti-va/P final/ P	aditi-va/P adver-sativa/ P conclusiv a/P assin-dética /P prin-cipal	obje-tiva direta causal restriti-va	aditi-va/ P adver-sativa/ P conclu-siva/P assin-dética/ P prin-cipal	causal com-pletiva nomi-nal/P obje-tiva direta/ Psubjet i-va/P restriti-va/P		
1.1. Modalidade	176 oc. /1co*	77 oc.	5 oc.	26 oc.	4 oc.	39 oc.	27 oc.	355	97,5%
1.2. Tempo FP	-	-	-	-	1 oc.	-	1 oc.	2	0,6%
1.3. Modalidade/Intemporal	-	-	-	1 oc.	-	1 oc.	-	1	0,3%
1.4. Modalidade/Tempo	1	-	-	3 oc	-	1 oc	1 oc	6	1,6%
5. TOTAL DAS FORMAS	178	77	5	30	5	40	29	364	100%

* ver capítulo sobre co-ocorrência Quadro 9

2.2.3. Alternantes, concorrentes e co-ocorrentes da forma em {-ria}.

Consideraremos aqui as formas alternantes, concorrentes e co-ocorrentes de {-ria}, na conjugação simples, em grupos verbais e aparentes grupos verbais. Todas estas formas correspondem ao imperfeito do indicativo e podem ser representadas por V=ria.

As formas alternantes são variantes mórficas de uma mesma significação básica, que alternam num contexto por razões estilísticas (v. Câmara Júnior, 1956:46; Audubert, 1972:88). Com efeito, quando num mesmo contexto, ora vem V-ria, ora V=ria, sem que uma exclua a outra, consideraremos estas formas alternantes. Ao uso de V=ria substituindo V-ria chamamos concorrência. E quando estas duas formas aparecem juntas, porém em retificação, temos um caso de co-ocorrência. Neste caso, embora registrando a co-ocorrência, apenas a forma que serviu de retificação (isto é, a segunda) será computada.

2.2.3.1. A Forma V=ria simples.

Valores expressos pela forma

a) Modalidade

1. Afirmção condicionada (2 conc.)

(51) "Bem... aí eu **preferia** iluminação direta, mas com lâmpadas..." (Inq.37, p.2).

A condição, no caso, está implícita.

2. Polidez (1 a)

(52) "(...) agora, eu **iria** mesmo (...) então, **ia** à uma festa (...) eu num **levaria** mais..." (Inq.275, p.89).

3. Certeza (1a.)

(53) "Num **seria** só a carne, **seria** o leite também, mas o leite..." (Inq.275, p.15).

No exemplo (51) o V=ria "preferia" concorre com o V-ria preferiria, substituindo-o. No exemplo (52) "ia" alterna com "iria" e "levaria", enquanto no exemplo (53) "servia" alterna com "seria".

Todas estas modalidades ocorrem em orações independentes assindéticas.

b) Tempo

1. Tempo futuro do pretérito (1a.)

A maioria dos autores consultados acredita que este valor temporal só é encontrado em orações objetivas diretas, subordinadas a um *verbo dicendi* que, normalmente, está no pretérito perfeito simples. Câmara Júnior (1964:549) admite que só em casos raros, encontra-se o futuro do pretérito fora da situação citada.

Mas considerando que o futuro do pretérito é um tempo relativo, Gili Gaya (1955:151) mostra que seu valor temporal pode ser fixado pelo contexto, não só por meio de um verbo, mas também de um advérbio com o qual se relaciona.

(54) "... às vezes **ficava** assim, uma duas semanas, **depois** já **ia** para o posto com a mãe e... **seria**..." (Inq. 18, p.11).

No exemplo (54) o verbo **ir** expressa uma oração futura em relação a um tempo do passado **ficava**, porém passado do ponto de vista do presente. Nesta oração, o advérbio **depois** reforça a idéia de posterioridade, e a conjunção aditiva e liga duas orações da mesma natureza, onde se encontra a alternativa **ia/seria**.

O que caracteriza este tipo de futuro do pretérito é a pequena distância que o separa do tempo passado com o qual se relaciona. Vejamos o que provoca a diferença entre o exemplo acima e o seguinte:

(55) "Ele **disse/que viria**".

Aqui, o intervalo de tempo é marcado pela diferença dos valores gramaticais do pretérito e do futuro do pretérito.

a) **disse** é um pretérito perfeito que denota fato acabado, logo, distante do presente.

b) **viria** traz o índice -r- que projeta o pensamento para o porvir. Essa projeção pode acontecer de duas maneiras:

1º) Ele disse que **viria** (e veio), onde **viria** sendo futuro em relação ao passado, é passado em relação ao presente.

2º) Ele disse que **viria** (hoje, isto é, ainda não veio), onde continuaremos a ter um futuro em relação ao passado, mas ainda futuro em relação ao presente.

O que nos interessa observar é que em qualquer destas situações, **viria** continuará mantendo uma posição de futuridade em relação ao passado **disse**, e que há, também, uma "distância" bem definida entre as duas formas, ou seja:

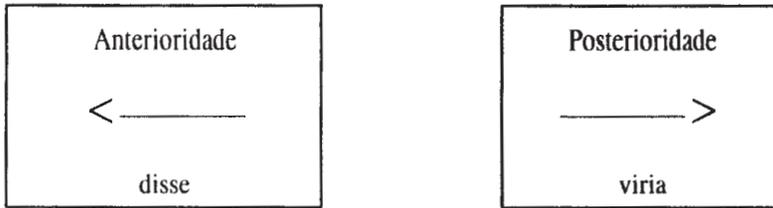


Fig. 3

c) **ficava** (ex. 54) é um imperfeito, e como tal, possui uma idéia de duração maior de que a encontrada nos outros pretéritos. Acrescente-se a isto o valor lexical do verbo, que figura o processo em sua duração. A presença de circunstâncias temporais, "uma, duas semanas", restringe esta noção de duração, porém não chega a neutralizá-la. Deste modo, temos esta ação aproximando-se de um tempo que lhe é futuro -ia- (=ria) encurtando assim a distância entre dois tempos, aos quais falta um intervalo marcado pela diferença dos valores gramaticais das duas formas. É o que vemos em:

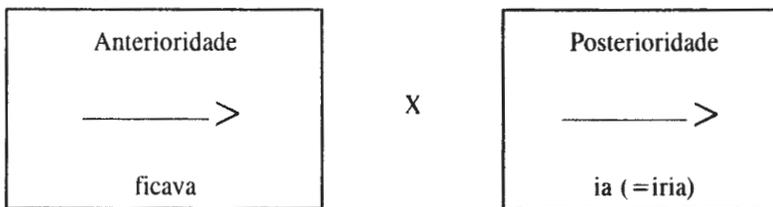


Fig. 4

Mesmo num esquema **oração principal X objetiva direta**, em que os verbos das duas orações estejam no imperfeito, ou representados por "um verbo atético, que figura uma ação - linha" (Castilho, 1968:56) continuaremos a ter a mesma situação do exemplo (c):

(56) Falavam / que vinham (=viriam)
 ↓
 ação-linha
 —————> —————>

Klum (1961:95) afirma que do ponto de vista da estrutura vectorial, isto é, de uma direção determinada, há paralelismo nos sistemas verbo-adverbial. Ambos implicam na existência de um eixo de orientação PP (presente), a partir do qual uma direção V (vectorial) poderá ser indicada. Identificamos esse paralelismo na oração (54) onde **ficava** é o eixo de orientação (RPoV) e **depois** uma direção vectorial positiva (+V), uma vez que a direção é de posterioridade em relação ao eixo; uma duas semanas, representa a duração, o intervalo de tempo que não é direção, mas a função escalar (x).

RPoV ← PPoV

"... **ficava** assim, **uma duas semanas, depois...**"

função escalar (x) Vector (+V)

O que é anterior (-V) simultâneo (oV) ou posterior (+V) o é por relação ao observador situado no presente (PPoV). encontrando-se neste ponto, o sujeito só poderá assistir ao acontecimento simultâneo ao ato de observação, portanto, ações de aspecto curto (RPoV). Este último é um passado reatualizado, ponto retrospectivo que exatamente como o PPoV pode servir de eixo de orientação (idem, ibid, 62).

Assim representamos o paralelismo do sistema verbo-adverbial no exemplo (54): RPoVx + V.

2.2.3.2. A forma V=ria no grupo verbal.

A) Valores expressos pela forma:

a) Modalidade

1. Polidez (1 conc.)

(57) "... então o jornal **tinha que obedecer** certas prioridades de informações." (Inq.255, p.44).

2. Probabilidade (2 conc.)

(58) "... e mormente que fui de saia rodada inda mais esse salto, **havia de ser** uma figura maravilhosa..." (Inq.275, p.59).

3. Necessidade (1 conc.)

(59) "Quando eu o adquiri... ele não possuía o nome da propriedade, era o nome do antigo proprietário, então nessas condições **havia que se mudar** o nome." (Inq.255, p.14).

Estes casos são concorrências de V=ria por V-ria, e apareceram em orações independentes (absoluta, assindética, conclusiva e principal). O verbo "haver" na forma simples só ocorreu em {-ria}. No grupo verbal, só ocorreu em {-ria}, e expressou duas modalidades probabilidade e necessidade.

b) Tempo

1. Futuro do pretérito (2 conc.)

(60) "... **disse que ia colocar** um tapete." (Inq.37, p.14).

O documentador pergunta ao informante se ele fosse construir uma casa, na qual houvesse uma biblioteca, como seria a decoração dessa biblioteca. O informante, já situado no domínio da hipótese, responde: "Há... o que eu faria na biblioteca... disse que ia colocar um tapete."

Encontramos em "ia colocar" um grupo verbal na expressão de tempo futuro do pretérito por relação a "disse". Subjacente, há uma afirmação condicionada pela relação com uma prótase implícita. Para maiores esclarecimentos sobre a ocorrência, consultar exemplos semelhantes anteriorente citados: "expressão de tempo" (p.39) e "ir" em grupo verbal (p.40, § 1).

(61) "Vou pro que **ia aperar**..." (Inq.275, p.6).

O contexto em que ocorreu "ia operar" traz também uma hipótese implícita, e é a seguinte: fui àquele que operaria, na hipótese de ter que operar. A informante usou o presente narrativo, transpondo-se para um determinado ponto do passado de onde visualizaria uma ação futura em relação ao passado, onde se encontrava. Daí o valor temporal de futuro do pretérito.

c) Modalidade/Tempo

1. Probabilidade no futuro (1 conc.)

(62) "Então a senhora não **ia rir** com a piada". (Inq.6, p.29).

Embora o tempo seja considerado o valor básico da forma **ir-infinitivo**, quando se trata de **V-ria (ir)** ou **V=ria (ir)**, a futuridade encontrada na forma mescla-se de modalidade de tal maneira, que é difícil destacar um destes valores como primordial, exceção de futuro do pretérito, quando a forma em {-ria} se relaciona com uma forma verbal que a determina.

Nesta situação, o informante refere-se ao momento presente, e para a expressão de um futuridade predominante, ele teria usado o futuro próximo (vai rir ou rirá). A opção por "ia rir" denota, mais de que futuridade, uma probabilidade expressa pelo indivíduo.

2. Dúvida no passado (1 conc.)

(64) "Todos seriam reprovados!"

- "É todos porque **iam faltar** prá colaborá(r) cum ele. Eu falei: não! cheguei pra ele mesmo e digo: olha aqui, eu gosto muito de você..." (Inq.275, p.39).

O grupo verbal **iam faltar** está ligado a uma condição implícita: Se a professora tomasse uma atitude X, com referência a um aluno Y, os demais alunos

faltariam, para colaborar com o aluno Y. Como os alunos não faltaram, temos em "iam faltar", uma predisposição que não se realizou.

Para efeito de comparação com o exemplo (64), imaginemos uma situação em que eu prometo a alguém alguma coisa, e não cumpro o prometido. A pessoa dir-me-á:

(65) Você me prometeu que **ia fazer** isso.

Eu responderei:

(66) Eu ia (fazer), mas não foi possível.

Em (65) temos um exemplo semelhante ao (64), isto é, **ia fazer** é um grupo verbal substituível por **faria**, o que não acontece no exemplo (66). Uma vez confirmado que não se realizou a predisposição (66), o sentido de "predispor-se a" no verbo **ir** é reforçado, perdendo este sua função de auxiliar, e passando a exigir um complemento **V-r**. Como, normalmente, a predisposição não realizada implica numa justificativa, esta é representada sempre por uma oração adversativa. Os dois tipos oracionais podem vir implícito ou explícito. Representamos o último exemplo do seguinte modo:

V=ria [ir - pretender] + (V-r) + OA

(leia-se: o verbo "ir" com morfema equivalente a {-ria}, isto é, em {-ia}, no sentido de **pretender**, pressupõe a existência de uma oração de infinitivo (implícita ou explícita), e de uma oração adversativa, geralmente explícita.

No quadro 3, enumeramos os casos de concorrentes de **V-ria** em grupos verbais, especificando o **V¹**.

GRUPO VERBAL	TOTAL	% (considerando as 45 ocorrências)
1. <u>V = ria + V-r</u>	4	
a) V ¹ (haver)	5	
b) V ¹ (ir)	1	
c) V ¹ (ter)		
TOTAL GERAL	10	22%

Quadro 10

Vimos os V=ria **haver**, **ir** e **ter** em situação de concorrência com v-ria. entretanto, destes grupos verbais, o único substitutivo da forma simples é o formado de **ir+infinitivo**, em qualquer de suas formas **V-ria** ou **V=ria**.

A alternância de V=**ria** com V-ria simples, na expressão de tempo, ocorreu em oração independente assindética e as duas concorrências em grupo verbal, em orações subordinadas (objetiva direta e adjetiva restritiva). Já na expressão de modalidade/tempo os grupos verbais encontram-se em orações independentes assindéticas e subordinada causal.

2.2.3.3. A forma V=**ria** em aparente grupo verbal.

A) Valores expressos pela forma

a) Modalidade.

1) Afirmação condicionada (2 conc./1a.)

(67) "... logicamente a gente **tendia** a colocar lado a lado a beleza..." (Inq.37, p.5).

2. Polidez (3 conc./3a./1co.)

(68) "Segundo o Projeto **deveria, devia** ter pelo menos 3 gerações." (Inq.350, p.14).

3. Desejo/polidez (1 conc.)

(69) Agora, uma moda que **devia** voltar..." (inq.275, p.92).

A polidez está subjacente à expressão de desejo.

b) Modalidade/Tempo

1. Polidez no passado (1 conc.)

(70) "O dote, né? que **podia** ser... de acordo com..." (Inq.21, p.81).

Os casos de V=**ria** em aparentes grupos verbais, estão distribuídos em 7 concorrências, 4 alternâncias e 1 co-ocorrência. Como vimos, a forma V=**ria** destes aparentes grupos verbais encontra-se sempre ou em oração principal (2 concorrências, 2 alternâncias e 1 co-ocorrência) ou em orações com dupla classificação: **independentes** (assindética/principal - 3 ocorrências-, Conclusiva/principal - 1 alternância -); **subordinadas**: (adjetiva restritiva/principal - 2 ocorrências-, causal/principal - 1 alternância). com relação às orações coordenadas, convém observar que, regra geral, são assindéticas e vêm acompanhadas de advérbios.

Quadro das ocorrências em {-ria}

OCORRÊNCIAS EM {-IA}

1. VALORES DAS FORMAS	2. FORMAS EM {-IA}					3. TOTAL DOS VALORES	4. PORCENTAGEM
	SIMPLES	GRUPO VERBAL		APARENTE GRUPO VERBAL			
	O.I.	O.I.	O.S.	O.I.	O.S./I.		
	assindética	absoluta assindética conclusiva principal	causal objetiva direta restritiva	conclusiva assindética principal	causal/P restritiva/P		
1.1. Modalidade	2 conc./ 2a	4 conc	-	6 conc./ 3a./1 co	1a.	19	73%
1.2. Futuro do Pretérito	1a.	-	2 conc.	-	-	3	10%
1.3. modalidade/ tempo	-	2 conc.	2 conc.	-	1 conc.	5	17%
5. TOTAL DAS FORMAS	5	6	4	10	2	27	100%

Quadro 11

2.2.4. Outras considerações

2.2.4.1. Síntese dos valores expressos pelas formas V-ria e V=ria.

Apresentamos, em síntese, os valores expressos por V-ria e V=ria. Antes, porém, vejamos o que diz Paul Garvin.²

O semanticista Paul Garvin mostra que "as unidades lingüísticas têm séries de significação antes do que significações pontuais. A significação que abarca toda a série significativa de uma unidade lingüística ou de uma categoria gramatical, dá a sua significação geral; a que sumariza o segmento modal da série significativa, isto é, o que na série total de significações há de mais central para essa unidade ou categoria e nela de mais comumente aproveitado dá a sua significação básica."

a) Modalidade: A interferência do sujeito na ação produz os mais diversos tipos de modalidades que constituem as significações específicas da forma em {-ria}. É, porém a representação problematiza da realidade, comum a todas as modalidades, que constitui a significação geral da referida forma.

² Paul Garvin apud Câmara Júnior (1956:19).



Fig. 5

b) Tempo: como flexão verbal e como cronologia

2.2.4.2. Verbos da primeira, segunda e terceira conjugações.

Procedemos a um levantamento de todos os verbos do nosso Corpus, a fim de verificarmos o seu comportamento em relação à forma em {-ria}.

Morfemas	CONJUGAÇÕES			
	Primeira	Segunda	Terceira	
-ria	1. acrescentar 2. aproveitar 3. chamar 4. chegar 5. colocar 6. começar 7. dar 8. deixar 9. encontrar 10. enfeitar 11. entrar 12. entregar 13. esperar 14. estar	15. estudar 16. falar 17. ficar 18. formar 19. formular 20. ganhar 21. gostar 22. levar 23. pagar 24. pintar 25. precisar 26. procurar 27. situar 28. verificar	1. caber 2. depender 3. dizer 4. escolher 5. fazer 6. pôr 7. propor 8. saber 9. ser 10. ver	1. cair 2. conseguir 3. impedir 4. sair 5. vir
-ia	0	1. comer 2. querer 3. tender	1. preferir	
-ria -ia	0	1. dever 2. haver 3. poder	1. ir 2. servir	
-ria -nha	0	1. ter		

Quadro 12

Observando o quadro, comprovamos que: a) os verbos de primeira conjugação têm em relação à forma {-ria} um comportamento diferente dos de segunda e terceira; b) os verbos de segunda e terceira conjugações têm um comportamento semelhante em relação à referida forma; c) enquanto os verbos de primeira conjugação

mantêm um comportamento uniforme, isso não acontece aos de segunda e terceira. Partimos então, para a observação dos fatos.

A) Verbos de primeira conjugação

Na primeira conjugação, tivemos todas as ocorrências em V-ria, não sendo, pois encontradas formas alternantes, concorrentes e co-ocorrentes (V=ria). Observando os fatos, vemos que estes verbos só expressaram modalidade, apesar de o seu número de ocorrências ser bem significativo (68 ocorrências). Como não fichamos ocorrências de imperfeito que não substituíssem {-ria}, buscamos nos inquéritos este tipo de ocorrência e constatamos que elas existiam em abundância, na expressão do imperfeito real, isto é, como expressão de tempo pretérito imperfeito. Levantamos, então, a hipótese:

a) Morfemas diferentes {-va}, {-ia}, {-nha}, dariam ao imperfeito um comportamento diverso com relação à substituição da forma {-ria}?

Para respondermos a esta pergunta, faz-se necessário observar com os três morfemas. Começemos por {-va}:

(71) "Ela dia que **gostaria** de ter cabelo liso..." (Inq.6, p.18). temos em **gostaria** uma forma modalizada, na expressão de um estado permanente.

(72) "Porque um padre que eu conheço que casou é... **gostavam** muito dele e **achavam** que ele..." (Inq.21, p.32). [Este exemplo é citado apenas para efeito de comparação com o antecedente. Ele não faz parte do levantamento das formas, uma vez que essa ocorrência de imperfeito não é substitutiva da forma em {-ria} nem no seu emprego temporal, nem no modal].

Substituindo no exemplo (71) "gostaria" por "gostava" temos: "ela diz que **gostava** de ter cabelo liso", onde verificamos que:

- 1) "gostar" passa a ter valor de imperfeito real.
- 2) ela gostava no passado, agora, pode ou não gostar. Estas idéias, além de não serem encontradas no exemplo (74), ainda o contradizem.

Agora, substituindo no exemplo (72) "gostavam" e "achavam" por "gostariam" e "achariam", temos: "Porque um padre que eu conheço que casou é... **gostariam** muito dele e **achariam** que ele...", onde verificamos que:

- 1) há uma saída do plano real para o eventual

2) há uma projeção da ação para o futuro

Resumindo, diríamos que a substituição do morfema {-ria} por {-va} no verbo "gostar" do exemplo (71) deu a este verbo o caráter de imperfeito real encontrado nos verbos citados do exemplo (72). ao contrário, a substituição dos morfemas {-va} por {-ria} nos verbos "gostar" e "achar" do exemplo (72) deu a estes verbos o caráter modalizado encontrado em "gostar" do exemplo (71).

Conhecemos exemplos em que o imperfeito em {-va} substitui a forma em {-ria} na expressão da modalidade: Eu tomaria: tomava um martini." (v. guia-questionário, p.22). Entretanto o nosso *Corpus* mostra que, preferencialmente, com os verbos de primeira conjugação na expressão da modalidade, usa-se a forma em {-ria}.

Thomas (1969:130) em trabalho realizado com o "brasileiro" falado no Rio de janeiro, parte de Minas Gerais e Espírito Santo, verificou que **gostar**, com força modal, é raramente substituído pelo imperfeito.

Verbos de segunda e terceira conjugações.

Nas segunda e terceira conjugações encontram-se os casos de alternância, concorrência e co-ocorrência (V=ria), os V-ria, e ainda, os mesmos verbos ocorrendo em {-ria} e {-ia}. diante da diversidade de comportamento verbal, resolvemos verificar o que teria provocado estas diferenças. Reagrupamos os verbos em:

a) V-ria

Os verbos (em sua maioria monossílabos e dissílabos) de segunda conjugação: **caber, depender, dizer, escolher, fazer, pôr, propor, saber, ser, ver** e os de terceira conjugação: **cair, conseguir, impedir, sair, vir, ocorreram** com a forma em {-ria}, com a qual não apresentam dificuldade fonética. Destes, os irregulares **pôr, propor, vir**, não têm morfema de imperfeito em {-ia} e sim um alomorfe {-a} precedido de nasal palatal {-nh}, o que também pode levá-los a ocorrer, preferencialmente, em {-ria}. Por sua vez, o verbo **ser**, com o qual tivemos o maior número de ocorrências (132), não foi usado no imperfeito; a única ocorrência neste sentido sofreu retificação, o que reforçou a ausência deste uso:

(73) "Então era... **seria** preciso usar um artifício pra que ela..." (Inq. 32, p.16). A co-ocorrência das duas formas mostra a preferência por **seria** para indicar a modalidade, em detrimento da forma de imperfeito, que no caso, pareceria mais taxativa, além de que colocaria a forma completamente no passado.

b) V=ria

Os verbos **preferir** e **querer** só ocorreram com o morfema {-ia} em substituição à forma em {-ria}. Estabelecemos os traços semânticos lexicais dos mesmos, na tentativa de uma justificativa semântica para este comportamento verbal:

1) **preferir**/+ dar a primazia a; + gostar mais de/
(Aurélio, 1971:1129)

2) **querer**/+ ter vontade de; + desejar; 9 dispor-se a/
(id., ibid., 1171)

Preferir e **querer** estão ligados semanticamente; eles têm como traço comum/+ volição/. É evidente que esta ligação não acontece na mesma proporção, mas isto não quebra a relação existente, uma vez que a rigor, não existem palavras sinônimas, há sempre uma unidade distintiva entre elas. Isto nos poderia levar à justificativa semântica de que falamos, não fosse o comportamento do verbo **gostar** (v.71) que, semanticamente, também está ligado a **preferir** e **querer**.

Consideramos o contexto em que estes verbos aparecem:

(74) "Eu **preferia** ter um quarto, ou..." (Inq.37, p.10).

(75) "Não **queria** que ela... fosse muito grande." (Inq.37, p.2).

Apesar das ocorrências das formas num mesmo tipo oracional (independente), o critério sintático também não seria relevante, no caso.

Preferimos optar pelo critério fonético, pois acreditamos que há uma dificuldade por parte do falante em pronunciar estes verbos na forma em {-ria}.

Esta dificuldade encontra-se na repetição das consoantes vibrantes alveolares sonoras [r], naqueles verbos cuja raiz termina por essas consoantes: <prefer>, <quer>.

O morfema {-ria} é tônico, e sua vogal acentuada é uma alta anterior; sempre que o verbo provém da segunda ou terceira conjugação há uma repetição de vogais iguais: a vogal temática e a vogal acentuada do morfema: **preferiria/preferiri** ~~v~~ / **quereria/keriri** ~~v~~. Para evitar a repetição de consoantes e de vogais iguais, os verbos de segunda e terceira conjugações figuram, preferentemente, na forma {-ia}, o que não se verifica com verbos de primeira conjugação que, embora possuindo em, alguns casos a raiz terminada por vibrante "procurar <procur>" não possuem a repetição de vogais iguais.

O verbo **tender**, semanticamente, também se encontra ligado aos verbos **preferir** e **querer**.

3) **tender**/ + apresentar disposição ou inclinação para algo.../ (id. *ibid.*, 1365).

Sintaticamente, também se encontra em oração independente:

(67.b) "...logicamente a gente **tendia** a colocar lado a lado a beleza. (Inq.37, p.5).

Mas é no domínio fonético que, a exemplo de **querer** e **preferir**, encontramos justificativa para sua ocorrência em {-ia}, embora não seja exatamente a mesma situação. No caso de "tender" a repetição de consoantes semelhantes já se encontra no radical:/tendiriɐ/.

A repetição de consoantes por si, não é condição suficiente para provocar a dificuldade fonética, como vimos em **procuraria**, **esperaria**, etc.. A repetição só de vogais também não o seria, como vimos em **iria**, **serviria**. Mas é a repetição de sons consonantes e vocálicas iguais (p[referir, querer) ou semelhantes (tender) que provocálicas iguais (preferir, querer) ou semelhantes (tender) que provoca esta dificuldade.

Complementando o que dissemos a respeito de **preferir**, **querer** e **tender**, salientamos que eles foram os únicos verbos que ocorreram exclusivamente em {-ia}, num inquérito que contém 150 ocorrências em {-ria}, e totaliza 156 ocorrências (Inq.37). Isto nos faz reconhecer no emprego destes verbos verdadeiro caso de concorrência da forma {-ia} por {-ria}.

Acreditamos que o uso de **comer** em {-ia} como alternante de {-ria} só se justifica pela necessidade de variação, ou proximidade com um tempo do passado. Este verbo não apresenta dificuldade fonética ao receber o morfema {-ria}: **comeria**. No entanto, como só tivemos um exemplo com este verbo, permanecemos no domínio de conjectura.

c) V-ria / V= ria

Os verbos **dever**, **haver**, **poder**, **ir**, **servir** ocorreram indiferentemente com os morfemas {-ria} e {-ia}; e **ter** com {-ria}, o que se pode justificar por razões estilísticas.

2.2.4.3. Vitalidade da forma em {-ria}

Por vitalidade, entendemos, em princípio, a força que a forma {-ria} possui para expressão de tempo e de várias modalidades, bem como sua resistência às formas concorrentes. Os exemplos já citados do emprego temporal e modal desta forma são suficientes para provar a vitalidade de seu uso. É interessante, porém, observar, quando mesmo co-ocorrendo com outras formas, essa vitalidade sobressai.

(76) " **deveria, deve**, ter alguém orientado para fazer isso, viu?" (Inq.37, p.5).

O informante referia-se a "se construísse uma casa **deveria** ter alguém que soubesse colocar azulejos". Enquanto "construir uma casa" é uma hipótese, "alguém que sabe colocar azulejos" não o é. Consciente disso, o falante tentou uma "atualização" maior a respeito da questão "colocar azulejos", e, para isso, substituiu "**deveria**" por "deve" "probabilidade", com a substituição o falante apenas aumentou um pouco a chance de confirmar, não chegando ao âmbito da certeza. Manteve-se, de qualquer forma, a vitalidade da forma em {-ria}.

(77) "Segundo o Projeto, **deveria, devia** ter pelo menos, três gerações" (Inq. 350, p.14).

A forma de imperfeito geralmente é mais atenuadora de que a forma e {-ria} o que justifica a preferência por **devia**. No entanto, com o verbo "ser", isso não ocorre. Vejamos o já citado exemplo (73), onde o falante optou pela forma em {-ria}: Então **era... seria** preciso usar um artifício pra que ela..." (Inq. 32, p.16).

Encontramos apenas uma ocorrência da forma em {-ria} em estereótipo, expressando ironia:

(78) "Eu **seria** um caso famoso." (Inq. 6, p.7)

O uso da forma {-ria} expressando incredulidade ou ironia é comum na fala vulgar de Buenos Aires. Kany (1969:198-199) cita o filólogo espanhol Amado alonso³ que, segundo ele, "condena o excessivo uso estereotipado dos modos de expressão na capital argentina e a pobreza de recursos lingüísticos individuais que se exemplifica no dito uso vulgar do potencial." Mostra por exemplo, que em resposta a "me parece que me van a subir el sueldo", a reação corrente seria invariavelmente: i subirían! (ou i subiriólan!). Kany refere-se a esta última, como "forma corrompida" e "extravagância lingüística" que atualmente tem caído em desuso.

2.2.4.4. A forma em {-ria} pelo subjuntivo

Sabemos que a forma em {-ria} simples, quando surgiu, substituiu o imperfeito do subjuntivo do latim clássico nas apódoses condicionadas. Hoje, resultados de pesquisas revelam, esta substituição, em contextos claramente subjuntivos.

Segundo Kany (1969:197-199) "nas cláusulas condicionais com **si** muitas regiões só empregam o potencial em lugar do imperfeito do subjuntivo"; e cita

³ Amado Alonso apud El problema de la lengua en América, p.94

exemplos, que segundo alguns autores, são usados não só popularmente, mas também em escolas: "Si **tendría** dinero, compraría aquel terreno" (Chile); "Si **estudiaría** más, aprendería" (Argentina). E continua com exemplos do Equador, da Guatemala, Colombia, etc.. No entanto, afirma Moreno de Alba (1978:108): "En prótasis de cláusulas condicionales, jamás, se usa en México, el pospretérito, como en ejemplo anotado en el cuestionário (p.22). Seria um vil traidor se o **diria**:: dissesse a eles."

Gili Gaya (1969:170) restringe este uso à fala vulgar:

"En el País Vasco y en algunas comarcas limítrofes de las provincias de Burgos y Santander, el habla vulgar emplea {-ria} en la prótasis, por ejemplo: Si llovería estaríamos contentos; (...) Este uso tiende a propagarse, en la misma zona, a las oraciones subordinadas claramente subjuntivas, p. ej.:

"Usted me mandó que le avisaría", en vez de avisara o avisase. No hay que entretenerse en la crítica de esta práctica local, que no cabe en la lingua literária, pero conviene mencionarla para hacer ver por dónde son franqueales los límites que separan el indicativo del subjuntivo."

Na pesquisa do português falado em São Paulo não encontramos nenhum exemplo da forma em {-ria} substituindo o imperfeito do subjuntivo em prótase de orações condicionais. Entretanto registramos ocorrências que nos fizeram crer que, no inquérito 37, a forma em {-ria} substitua o imperfeito do subjuntivo, mas em orações independentes e quando antecedido do advérbio "talvez". Exemplos:

(79) "Talvez, eu **colocaria** um tipo..., não sei se é Luís XV..." (Inq.37, p.9).

(80) "Talvez perto do aparador eu **colocaria** duas arandelas..." (Inq.37, p.10).

(81) "Aí talvez eu **colocaria** um quadro com elementos infantis." (Inq.37, p.14).

Nestes casos, normalmente, o advérbio "talvez" anteposto ao verbo, leva-o ao subjuntivo. Enquanto posposto ao verbo, leva-o ao indicativo, como em:

(82) "Tem o balcão nobre que também é muito bom, é o.. **seria** talvez o melhor lugar, mas... (Inq.32, p.5).

(83) "... isso **seria** talvez uma... alguma coisa." (Inq.350, p.20).

O caráter problemático da forma em {-ria} a faz confundir-se, em certos contextos, com a irrealidade modal da subjuntivo. O advérbio "talvez" é um modalizador que "indica que o enunciado não está inteiramente assumido" (Dubois, 1978:414). Estas formas, num mesmo contexto, tornam cada vez mais franqueáveis os limites que separam - eu diria especificando um pouco mais de que Gaya - a forma {-ria} do subjuntivo.

Mas ouvindo a gravação, percebemos que o que ocorre nos exemplos (79), (80) e (81) são situações semelhantes às encontradas nos exemplos (1), (2), (3) e (4), onde temos a prótase condicionante parcialmente implícita.

(79.b) Talvez (se eu colocasse) eu colocaria um tipo... não sei se é Luís XV..." (Inq.37, p.9).

Após o advérbio "talvez", o informante fez uma pausa e fica subentendido (se eu colocasse). É o que acontece nos exemplos seguintes, onde temos outros elementos que fazem parte da prótase implícita:

(80.b) Talvez perto do aparador (se eu colocasse) eu colocaria duas arandelas. (Inq.37, p.10).

(81.b) Aí talvez (se eu colocasse) eu colocaria um quadro com elementos infantis. (Inq.37, p.14).

Comparando, pois, os resultados dados pelos autores citados e as nossas ocorrências, não podemos, a exemplo daqueles, confirmar a substituição do imperfeito do subjuntivo da prótase, pela forma em {-ria}, nem mesmo em oração independente precedida de advérbio, como julgamos, em princípio.

CONCLUSÕES

Como já falamos na introdução, este trabalho faz parte de uma ampla pesquisa realizada pelo projeto NURC. Ele representa algumas situações de linguagem culta falada na cidade de São Paulo. Considerando o contexto em que se insere, reconhecemos que as conclusões a que chegamos serão, em princípio, considerações a serem ponderadas, muito mais do que uma conclusão definitiva. Somente o resultado da análise de todos os inquéritos nos dará a possibilidade de conhecer a fala culta da cidade de São Paulo, bem como uma conclusão definitiva a respeito do que propomos aqui.

Descrevemos a forma em {-ria}, cujo paradoxo se faz sentir, a partir de sua denominação. alguns autores a chamam de "futuro do pretérito" e destacam o seu valor temporal, outros a chamam de "condicional", privilegiando, assim, o seu valor modal. Complicam mais ainda aqueles que ao chamá-la de "futuro do pretérito" prosseguem

com exemplos de modalidade, ou vice-versa. Por tudo isso é que optamos pela designação "forma em {-ria}", encontrada em Câmara Jr. (1956), expressão que cobre os dois valores encontrados na referida forma: modal-temporal.

Como poderemos observar no quadro 13, tivemos e doze inquérito pesquisados um total de 391 ocorrências. Destas, 265 são formas simples, 45 são grupos verbais, e 81 são aparentes grupos verbais. Entendemos por grupo verbal a reunião de dois verbos em situação de recorrência, ou seja, quando o V2 para expressar um conceito recorreu à ajuda de um V1 que, para isto, veio a gramaticalizar-se. Ao contrário, verbos justapostos que não estabelecem esta relação foram considerados aparentes grupos verbais.

Nº de inquéritos	Nº de inquéritos	Nº de ocorrências	Formas simples	Grupos Verbais	Aparentes grupos verbais
1	6	27	11	3	13
2	11	6	5	-	-
3	18	17	10	2	5
4	21	6	4	1	1
5	32	19	10	6	3
6	37	156	134	10	12
7	41	19	8	1	10
8	255	49	20	12	18
9	275	32	14	9	9
10	350	53	44	1	8
11	365	2	1	-	1
12	388	5	4	-	1
Total	_____	391	391	45	81
%	_____	100%	100%	11,5	21%

Quadro 13

Estes dados não comprovam a preferência pelos grupos verbais em detrimento das formas simples, como afirmaram Câmara Jr., e Audubert (v. p.3 deste trabalho, e Boléo (1973:21).

Mesmo se considerássemos grupos verbal os aparentes grupos verbais, ainda assim teríamos 67,5% de ocorrências com formas simples, contra 32,5% de grupos verbais. Logo, o critério estabelecido para "grupo verbal" e "aparente grupo verbal" não teve influência no resultado. E mesmo, em última análise, o aparente grupo verbal é uma forma simples.

O trabalho realizado por Thomas (1969:130) no Rio de Janeiro, Espírito Santo, e em Minas Gerais, mostra que a forma em {-ria} simples (condicional simples) é pouco usada no português falado no Brasil, e que o grupo verbal formado de **ser + particípio passado** (condicional perfeito) é muito mais usado. Nosso Corpus contradiz esta afirmação de maneira radical: Temos para as 265 ocorrências de forma simples, 1 ocorrência de **ter + particípio passado** (v. (21) p. 28).

Das 391 ocorrências, 364 (93%) correspondem ao uso da forma em {-ria}, incluindo um caso de co-ocorrência de {-ia} com {-ria}, quando prevaleceu esta última forma, e 27 (7%) são ocorrência de imperfeito que concorrem (19 casos), alternam (7 casos) e co-ocorrem (1 caso), com a forma em {-ria}.

A co-ocorrência é uma retificação que, geralmente, resulta do fato de que o primeiro morfema não é representativo do que se quer expressar (v. (73)), mas pode representar apenas uma indecisão por parte do falante (v. (76)), ou ainda, expressão atenuadora, no caso de {-ria} por {-ia} (v. (77)).

A totalidade das ocorrências, a resistência às formas concorrentes e a (quase) ausência de uso estereotipado (uma ocorrência) da forma em {-ria} comprovam a vitalidade desta forma. No esquema condicional, há uma fragmentação da prótase condicionante, enquanto a apódose, onde se encontra a forma em {-ria} se mantém intacta; os casos de concorrência e alternância só se registraram com o imperfeito, com o qual há simetria das terminações, mantendo-se, assim, as expressões próprias da forma em {-ria}.

Na relação forma simples x grupo verbal consideramos, no nosso corpus, os seguintes grupos verbais substitutivos da forma simples correspondente:

- 1- V-ria (ir) + V-r, ou sua variante V=ria (ir) + V-r
- 2- V-ria (dever=possibilidade ou probabilidade, estado permanente) + V-r
- 3- V-ria (poder=possibilidade ou probabilidade) + V-r.

Com o verbo "ir", tivemos 9 ocorrências: 2 em {-ia} simples e 5 em grupos verbais; e ainda 2 ocorrências em {-ria} em grupo verbal. Não foram registradas ocorrências ambíguas com **ir = infinitivo**. Com o verbo "dever", tivemos 5 ocorrências em grupo verbal em {-ria}, e com "poder", 1 ocorrência em grupo verbal, em {-ia}. Como se vê, só com o verbo "ir", a forma em {-ia} foi mais usada de que {-ria}.

Os verbos de primeira conjugação têm um comportamento diferente dos de segunda e terceira conjugações em relação à forma em {-ria}. Enquanto os da primeira não substituíram esta forma, os da segunda e terceira não só alternam, mas concorrem e co-ocorrem com ela. Essa substituição é favorecida pela semelhança existente entre o morfema que estudamos {-ria}, e {-ia} dos verbos de segunda e terceira conjugações. Além disto os verbos "tender", "querer" e "preferir" só ocorreram em {-ia} o que parece evidenciar uma dificuldade por parte do falante em pronunciar estes verbos na forma em {-ria}; esta dificuldade encontra-se na repetição de sons vocálicos e consonantais (idênticos ou semelhantes).

Já os verbos que pertencem a estas conjugações e que têm o morfema de imperfeito em {-nha} ocorrem, normalmente, em {-ria} na expressão da modalidade (exceção feita apenas a **ter** que ocorreu em {-nha} e em {-ria}).

Em grupo verbal, os verbos de 1ª conjugação no infinitivo, ocorreram acompanhado dos morfemas {-ria}. Exemplos: (41) "... poderiam aceitar..." (65) "... iam faltar..."

Thomas (ibid, 130) já havia chamado a atenção para o fato de que "gostava" com valor modal, raramente é substituído pelo imperfeito no Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais. O nosso Corpus comprova que, neste caso, não é usado em São Paulo; não só o verbo "gostar", mas todos da 1ª conjugação.

As formas foram expressas por 53 diferentes verbos, sendo 29 regulares e 24 irregulares. Apesar de a variação regular ter sido maior, tivemos apenas 59 ocorrências com estes verbos, contra 332 ocorrências dos verbos irregulares. Dentre estes últimos, 201 casos encontram-se nos verbos monossílabos: ser (132), ter (48), ir (10), dar (6), vir (3), ver (1) e pôr (1). Na totalidade temos 66 ocorrências com verbos da primeira conjugação, **300 da segunda e 25 da terceira**, totalizando 391 ocorrências verbais.

Como os valores encontrados em {-ria} estão quase sempre imbricados, passamos a falar em valores predominantes de modalidade, onde o tempo está subjacente, ou vice-versa. Os casos de modalidade/tempo representam a impossibilidade de um só valor se sobressair. Baseado na predominância, e não na exclusividade, é que podemos dizer que as formas em {-ria} e {-ia} expressaram mais modalidade (374 oc.), as quais relacionaremos pelo maior número de ocorrência. Assim, temos: afirmação condicionada (209 oc.), polidez (122 oc.), dúvida (13 oc.), probabilidade (12 oc.) certeza (7 oc.), idéia aproximada (4 oc.), irrealidade (3 oc.), timidez, possibilidade, desejo, necessidade (1 oc., cada); Destacamos, neste trabalho, os valores de afirmação e polidez, os quais são normalmente esquecidos, ou quando muito, citados de modo secundário, em contraste com outros valores. É preciso que se atente para o fato de que a problemática está na significação básica da forma em {-ria}, e assim, presente em todas as modalidades citadas. Essas ocorrem, em forma simples, grupos verbais e aparentes grupos verbais.

De todas as modalidades citadas o maior número de ocorrência se deu com a afirmação condicionada. Porém a situação geral das ocorrências mostra que é na polidez (ou atenuação) que se encontra a modalidade representativa da forma em {-ria}. Justificamos:

- a) A polidez é uma modalidade que para ocorrer independente de uma ajuda direta do contexto como tipo oracional, presença de circunstâncias, etc...
- b) Representa o segundo maior número de ocorrências.
- c) Está subjacente à maioria das outras ocorrências.

d) Está na própria morfologia que {-ria} compartilha com o imperfeito, pois, é do imperfeito que provém a expressão de atenuação encontrada na forma em{-ria}.

Insistimos, porém, na força afirmativa da forma em {-ria}, observando que:

a) No esquema condicional o seu valor afirmativo é decorrente da própria forma, e a existência da prótase apenas condiciona a afirmação.

b) Na "probabilidade", a "chance de ser" traz de forma sutil uma afirmação.

c) A "certeza" é uma afirmação reforçada.

Não entendemos, pois, por que modalidades como afirmação condicionada e a certeza foram relegadas, voltando-se as atenções para modalidades contrárias, tais como a dúvida, a possibilidade, de tal modo que se chegou a conferir à forma em {-ria} a expressão da hipótese; neste ínterim, ficou esquecido que assim como a probabilidade para menos, resulta na possibilidade, esta mesma probabilidade para mais resultaria em expressões como as que acabamos de ver: a certeza e a afirmação condicionada.

Consideramos três formas de expressão de tempo:

1º) Futuro de pretérito que é determinado sintaticamente pela relação com um tempo do passado (4 oc.). 2) Futuro do pretérito determinado no contexto, pela relação com um advérbio (1 oc.); essas construções caracterizam-se pela posição de ubiqüidade em que se coloca o falante. 3) As relações de anterioridade, simultaneidade e posterioridade subjacentes à expressão de modalidade; estas são determinadas por relação ao observador que se encontra no presente (11 oc.)

Apesar do número superior de ocorrências da forma em {-ria} como expressão da modalidade em detrimento do uso do futuro do pretérito, não há como não reconhecer a importância desse valor temporal de modo indicativo integrado ao nosso sistema verbal. Sua pequena ocorrência deve-se ao fato de que raramente o falante se coloca num determinado ponto do passado para evocar um ato posterior a esse passado.

Quer na expressão da modalidade, quer na de tempo, a forma em {-ria} não ocorreu como complemento de verbos que expressam desejo, necessidade, dúvida, função esta exercida pelo subjuntivo: Isto comprova o valor indicativo da forma.

Os casos de modalidade/tempo totalizam 11 ocorrências: polidez no passado (4 oc.), probabilidade no passado (2 oc.), predisposição no passado (2 oc.), probabilidade no futuro, dúvida no passado e irrealidade no passado (1 oc., cada).

Quanto ao emprego intemporal de {-ria}, temos apenas uma ocorrência nesse sentido.

Em termos gerais, considerando o tipo oracional em que aparecem estas formas verbais, temos: 269 ocorrências em orações **independentes** (absoluta, principal assindética, sindéticas: aditiva, adversativa, alternativa, explicativa e conclusiva); 87

subordinadas substantivas (afirmativas, completiva nominal, objetiva direta, subjetiva); **adjetivas** (explicativa e restritiva) e **adverbiais** (causal, consecutiva e final). Resta acrescentar 35 orações com dupla função onde se encontram quase sempre os aparentes grupos verbais (são subordinadas em relação à oração anterior e principal em relação a posterior). Das orações subordinadas as mais frequentes são: objetiva direta, restritiva e causal.

Por questão de praticidade, e considerando que a decisão não prejudicaria a fidelidade dos fatos, incluímos as orações independentes com dupla classificação (ex: coordenado/principal) na relação das orações independentes com uma classificação, uma vez que essa dupla classificação não implica numa dupla função como acontece às subordinadas.

Convém chamar a atenção para a questão da alternância das formas em {ria}, {-ia} e {-sse/-se} em português e espanhol.

Como vimos, na página 16, exemplo (4), do nosso trabalho a forma "fora", mais-que-perfeito do indicativo, substituiu a forma "fosse", imperfeito do subjuntivo na prótase condicionante em português. Foi a única ocorrência nesse sentido.

No espanhol mexicano, segundo Moreno de Alba, a forma em {-ria} tem o valor da forma em {-se}, subjuntiva; e ainda concorre com {-ria} para exprimir cortesia, desejo e possibilidade. Entretanto, não registramos nenhuma ocorrência de substituição de {-ria} por {-ra}. Assim como, também não registramos nenhuma ocorrência da forma em {-ria} substituindo {-sse} como a encontrada no guia-questionário (p.22): na prótase do período hipotético: "Seria um vil traidor se o **diria: dissesse** a eles", nem como os exemplos encontrados em alguns países de língua espanhola: em cláusula condicional com "si": Si **estudaría** más, **aprendería**".

Comparemos o resultado dos nossos dados com os apresentados por Moreno de Alba em seu trabalho sobre as formas verbais no espanhol falado no México.

Encontramos com relação à forma em {-ria} (pospretérito, em espanhol), alguns pontos coincidentes: 1) o número de ocorrências com valor modal foi muito superior ao com valor temporal de futuro do pretérito (e, ainda assim, tivemos um número menor de FP) 2) a forma em {-ria} (pospretérito) pode ser substituída pelo imperfeito (copretérito) na expressão de tempo e modo. 3) o grupo verbal formado de **teria + particípio passado** só ocorreu uma vez em nosso Corpus, e, em espanhol, duas vezes. 4) O valor modal, em espanhol, parece estar mais ligado a um tempo de que em português, onde foi possível falar não só de predominância, como até de forma intemporal.

5. Situações em que ocorrem as formas {-ria} e ia = {-ria} como futuro do pretérito em português.

a) Oração objetiva direta de um verbo "dicendi" no pretérito, do discurso indireto:
"Eu disse que só **poderia aceitar...**"

b) Oração objetiva direta de um verbo (decisão), no pretérito, do discurso indireto.
"... **decidi** que a segunda pergunta **deveria ser...**"

c) Oração adjetiva restritiva de um verbo com sentido de pretérito.
"**Vou** (=fui) pro que **ia operar...**"

d) Oração independente, verbo com valor de futuro do pretérito fixado pelo contexto, ou seja, pela relação com advérbio e um tempo do passado (imperfecto).
"... às vezes **ficava** assim, **uma duas semanas**, **depois**, já **ia** para o posto com a mãe e ... seria..."

Citamos os exemplos de futuro do pretérito para que não se tenha em mente, ao falarmos desse tempo, de um esquema pré-determinado tipo **verbo dicendi no pretérito + oração subordinada objetiva direta**; e mesmo, porque também tivemos algumas ocorrências diferentes das do espanhol.

Quanto aos demais valores, basta consultar os capítulos sobre o assunto.

Meillet⁴ tem razão quando afirma que "L'histoire du 'futur' enseigne que, dans les langues, cette catégorie gramaticale relève de la sensibilité autant et plus que de la logique."

Diante dos números referentes à modalidade, tudo faz crer que a forma em {-ria} se presta mais à expressão de atitudes do falante, das "disposições da alma do indivíduo que fala" (Boléo, 1973:5), de que propriamente para situar em ação posterior a outra do passado.

Finalizando, acrescentaríamos algumas observações que dizemos no desenrolar do nosso trabalho, mas que não puderam ser resolvidas.

1- Seria interessante procedermos a uma descrição exaustiva sobre as relações verbais e outros elementos da frase, como por exemplo, o circunstante temporal. Entretanto o que mais nos chamou a atenção foi o uso abundante de três, quatro circunstantes e/ou operadores de coesão textual acompanhando a forma em {-ria} num mesmo contexto. Perguntamo-nos se o uso destes elementos estaria ligado à problemática da forma.

⁴ Apud Boléo, 1973:17.

2- A substituição da forma em {-ria} pelo imperfeito tem sido justificada por alguns autores (Camâra Jr. 1956:35, 1964:157; Imbs, 1960:73, Gili Gaya, 1969:125) como uso popular ou infantil. Segundo Boléo (1973:21) as formas analíticas aparecem com frequência na linguagem familiar e popular, emotivas por excelência.

Considerando o pequeno número das ocorrências em imperfeito no nosso *corpus*, e um menor número de formas analíticas, indagamo-nos, ainda, se isso seria um aspecto sociolingüístico do emprego da forma em {-ria}. como só trabalhamos com fala culta e adulta, faltam-nos dados de fala popular e infantil, com os quais pudéssemos comparar os dados. Fica a observação.

BIBLIOGRAFIA

1. ESTUDOS DE CARÁTER GERAL E ESPECÍFICO SOBRE O VERBO.

- AUDUBERT, Albert - "Le morphème grammatical *irei*, *ás*, *á...* et une forme de futur très usitée au Brésil". In *Língua e Literatura I*, São Paulo, USP, 1972.
- BARBOSA, J. Soares - *Grammatica philosophica da lingua portugueza*. 4 ed., Lisboa, Academia Real (1803) 1866.
- BECHARA, Evanildo - *Moderna gramática portuguesa*. 19 ed., São Paulo, Nacional, (1958) 1973.
- BOLÉO, M. de Paiva - "Os valores temporais e modais do futuro imperfeito e do futuro perifrástico em português". In *Biblos* v. XLI, Coimbra, FLUC, 1973, p.3-31.
- BRANDÃO, Cláudio - *Sintaxe clássica portuguesa*. (s.ed.) Belo Horizonte, Imprensa da UMG (1933) 1963.
- BRUNOT, Ferdinand - *La pensée et la langue*. 3ème. éd., Masson, (1926) 1965.
- CÂMARA Jr., J. Mattoso - *A Forma verbal portuguesa em -ria*. (s.ed.) Washington, Georgetown University Press (1956) 1967.
- _____. - "Une catégorie verbale: le futur du passé". In *Dispersos*, Rio de Janeiro, FGV (1964) 1972, p.547-550.
- _____. - *Estrutura da língua portuguesa*. 3. ed., Petrópolis, Vozes, 1972.
- CEGALLA, D. Paschoal - *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 17 ed., São Paulo, Nacional, 1977.
- COUTINHO, Ismael de Lima - *Gramática histórica*. 6. ed., Rio de Janeiro, Acadêmica, 1969.
- CUNHA, Celso F. *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed., Rio de Janeiro, FENAME, (1970) 1979.
- DIAS, A. Epiphânio da Silva - *Syntaxe histórica portuguesa*. 5. ed., Lisboa, Clássica (1918) 1970.
- GILI GAYA, Samuel - *Curso Superior de Sintaxis Española*. 5. ed., Barcelona, SPES, (1955) 1969.
- GUILLAUME, Gustave - *Temps et verbe*. (s.ed.), Paris, Champion, (1929) 1964.
- IMBS, Paul - *L'emploi des temps verbaux en français moderne*. (s. ed.), Paris, Klincksieck, 1960.
- IORDAN, Yorgu & MANOLIU, Maria - *Manual de lingüística romântica*. (s.ed.) Madrid, Gredos, 1972.
- KANY, Charles E. - *Sintaxis hispanoamericana*. 2.ed., Madrid, Gredos (1945) 1950.
- KLUM, Arne - *Verbe et adverbe*. (s.ed.) Stockolm, Armqvist Willkel, 1961.

- LIMA, C.H. Rocha - **Gramática normativa da língua portuguesa**. 17. ed., Rio de Janeiro, J. Olympio (1957) 1974.
- LOBATO, Lúcia M.P. - "Os verbos auxiliares em português contemporâneo. Critérios de auxiliaridade". In **Análises Lingüísticas**. (s.ed.) Petrópolis, Vozes, 1975, p.27-91.
- MELO, Gladstone Chaves de - **Gramática fundamental da língua portuguesa**. (s.ed.) Rio de Janeiro, Acadêmica, 1968.
- MOLHO, Maurício - **Sistemática del verbo español**. (s.ed.) Madrid, Gredos, 1975.
- PONTES, Eunice - **Verbos auxiliares em português**. (s.ed.) Petrópolis, Vozes, 1973.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA - **Esbozo de una nueva gramática de la lengua española**. 1.ed., 5.r., Madrid, Espasa-Calpe, (1973) 1978.
- SAID ALI, Manuel - **Difficuldades da língua portuguesa**. 2.ed. aum. Rio de Janeiro, Besnard Frères (1908) 1919.
- _____. - **Gramática histórica da língua portuguesa**. 7.ed. aum., Rio de Janeiro, Acadêmica, (1921) 1971.
- THOMAS, Earl. W. - **The syntax of spoken Brazilian Portuguese**. (s.ed.) Nashville, Vanderbilt University Press, 1969.

2. ESTUDOS SOBRE O ASSUNTO

- CASTILHO, Ataliba T. de - **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa**. (s.ed.) Marília, Fonseca, 1968.
- GUILLAUME, Gustave - "Immanencia y transcendencia en la categoría del verbo: bósquejo de una teoría psicológica del aspecto." In **Psicología del lenguaje**. (s.ed.) Buenos Aires, Paidós (1933, publicação no Journal de Psychologie), 1955, p.193-206.

3. DICIONÁRIOS NOMENCLATURA

- CÂMARA Jr., J. Mattoso - **Dicionário de filologia e gramática**. 2.ed., Rio de Janeiro, J.Ozon, 1964.
- CASTILHO, Ataliba T. de & CARRATORE, Enzo del - **Considerações sobre a nomenclatura gramatical brasileira e suas relações com a terminologia latina**. vol.1, Marília, FFCL, 1956.
- DUBOIS, Jean et alli - **Dicionário de lingüística**. (s.ed.) São Paulo, Cultrix, 1978.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de H. - **Novo dicionário da língua portuguesa**, 1.ed., 9i., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, (1975).

4. INFORMAÇÕES SOBRE O PROJETO NURC

- CASTILHO, Ataliba T. de - "O Estudo da norma culta do português do Brasil". In **Revista Vozes n° 8**, out., (1968) 1973.
- ROSSI, Nelson - "Projetos". In El simposio de México, enero de 1968 - **Actas, informes y comunicaciones**. 1 ed. México, Universitária, 1969, p.248-254.
- (sem autoria especificada) **Projeto de estudo da norma lingüística culta de algumas das principais capitais do Brasil**. (s.ed.) Marília, CMC, 1970.